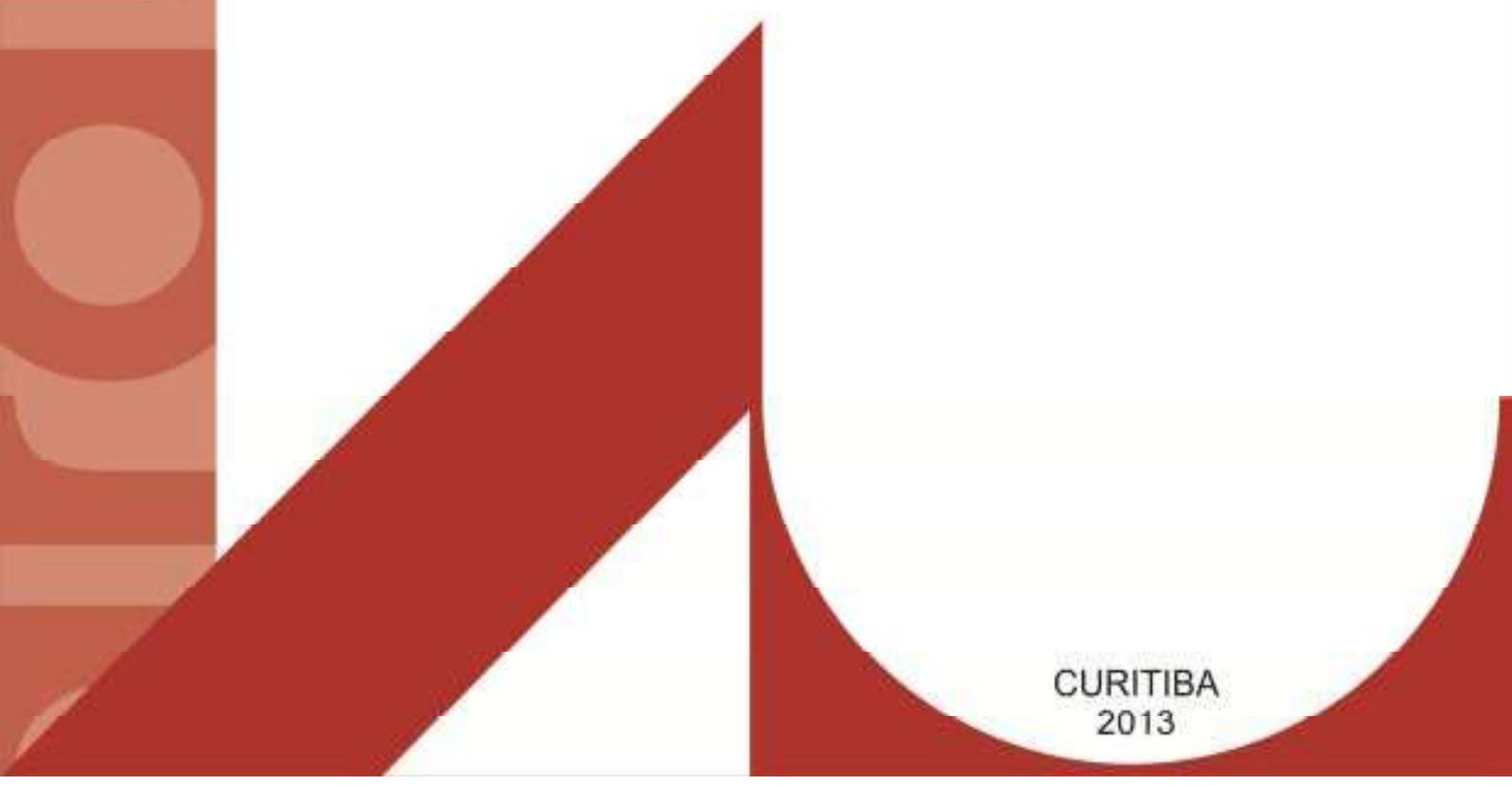


CARINA KIMURA AKIYOSHI

SPA TERMAL
UM ENCONTRO ENTRE ORIENTE E OCIDENTE

Tema Final de **Graduação**
Curso de **Arquitetura e Urbanismo**
Universidade Federal do Paraná

Prof. Orientador: Silvio Parucker



CURITIBA
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CARINA KIMURA AKIYOSHI

SPA TERMAL

A influência da cultura japonesa na arquitetura ocidental

CURITIBA
2013

CARINA KIMURA AKIYOSHI

SPA TERMAL

A influência da cultura japonesa na arquitetura ocidental

Monografia apresentada à disciplina de Orientação de Pesquisa (TA 040) como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, Setor de Tecnologia, da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Orientador: Prof. Dr. Silvio Parucker

CURITIBA
2013

Agradeço, primeiramente, a minha família e todo apoio que me foi dado para iniciar e terminar o curso.

Agradeço aos meus amigos que também me apoiaram muito durante o processo e que seria muito mais difícil e tedioso sem as suas presenças. Para esse trabalho agradeço especialmente a Luciana Lika Mizokoshi e Jacqueline Morissugui, cujos comentários e correções colaboraram enormemente para a conclusão dessa monografia; e ao Romário Keiti Fugita, pois sem o seu otimismo meu caminho teria sido muito mais árduo; ao Marcel Willian Piras e a Ana Maria Chifon, com quem achei parceria para chegar ao limite final do curso e dar o primeiro passo para a realidade.

Agradeço ao meu Orientador, Silvio Parucker, que pode ver no meu esforço e ideias um bom trabalho.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Orientador:

Examinador (a):

Examinador (a):

Monografia defendida e aprovada em:

Curitiba, _____ de _____ de 2013.

“Se você vê um templo japonês feito de madeira, você pode ver como a arquitetura é feita. Eles tem uma construção evidente e transparente e eles são muito simples.”

Ryue Nishikawa, vencedor do Pritzker 2010

RESUMO

A presente pesquisa consiste em uma base teórica e conceitual para o projeto do Spa termal que será desenvolvido posteriormente. O estudo compreende uma pesquisa envolvendo a história da arquitetura japonesa e a compreensão de termas, spas e *onsen* – termas japoneses. Com intuito de compreender melhor a visão ocidental e oriental quanto ao ato de banhar-se, com o objetivo de acrescentar a nossa cultura alguns ideais do oriente que melhorariam o bem estar e a qualidade de vida no ocidente. Para concluir o trabalho, foram analisadas obras correlatas de spa, termas e onsen, colaborando para a definição de diretrizes gerais e programa de necessidades que orientarão o desenvolvimento do projeto do Spa Termal.

ABSTRACT

This research consists in a conceptual and theoretical basis to the project of a Thermal Spa that will be developed afterwards. The study comprehends a research about the history of Japanese architecture and the comprehension of *thermae*, *spa* and *onsen* – Japanese *thermae*. In order to better understand the western and eastern vision towards the act of bathing, in order to add to our culture some of the ideals of Orient that could improve the well-being and life quality in Occident. To conclude this work, some related works of *spa*, *thermae* and *onsen* were analyzed, collaborating to define de general guidelines and a program of needs that will guide the development of the Thermal Spa.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. APRESENTAÇÃO.....	1
1.2. DELIMITAÇÃO DO TEMA	1
1.3. OBJETIVOS	2
1.3.1. OBJETIVO GERAL	2
1.3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	2
1.4. METODOLOGIA DE PESQUISA.....	3
1.5. ESTRUTURA DE TRABALHO	4
2. CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA	5
2.1. ESTRUTURA DA ARQUITETURA ORIENTAL	5
2.1.1. BREVE HISTÓRICO.....	5
2.2. SPA, TERMAS OU ONSEN.....	34
2.2.1. TERMAS	34
2.2.2. SPA.....	38
2.2.3. ONSEN.....	41
3. ESTUDO DE CASO.....	46
3.1. ESTUDO DE CASO 1 – GIZAN ONSEN FUJIYA.....	47
3.2. ESTUDO DE CASO 2 – TERMAS DE VALS.....	58
3.3. ESTUDO DE CASO 3 – POUSADA CAPIM DO MATO	65
3.4. ESTUDO DE CASO 4 – YOMOGINO RYOKAN HOT SPA	72
4. INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE	78
4.1. DIRETRIZES DE PROJETO	78
4.2. JUSTIFICATIVA DO TERRENO	78
4.3. PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO	83
5. CONCLUSÃO.....	85
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86
6.1. LISTA DE FIGURAS	90

1. INTRODUÇÃO

1.1. APRESENTAÇÃO

A cultura oriental está cada vez mais próxima do ocidente, sendo os ensinamentos e filosofias atualmente compreendidos e aplicados por muitos ocidentais. A mistura de culturas oriental e ocidental permite que predomine o que elas possuem de melhor e enriquece ainda mais a vida de ambas civilizações.

Uma das grandes características orientais está relacionada à cultura de belíssimas construções em madeira, incluindo as casas de banho com fontes termais – chamadas *onsen* – resultado de um costume também muito forte na cultura japonesa, o banho esteve sempre muito presente na vida do japonês, desde os primórdios.

1.2. DELIMITAÇÃO DO TEMA

Essa pesquisa se limita a um breve estudo do histórico de construções arquitetônicas no Japão, para uma compreensão e aplicação no estudo das fontes termais características do país, as *onsen*, levando em consideração a visão ocidental do comportamento, com o passar dos anos, quanto à relação entre ser humano e água. Serão abordados termas, spas e *onsen* para compreender e propor uma ponte entre duas culturas, ligando o ocidente e o oriente em uma estrutura de Spa Termal.

1.3. OBJETIVOS

1.3.1. OBJETIVO GERAL

A presente pesquisa para o Trabalho final de Graduação visa proporcionar embasamento teórico suficiente para o desenvolvimento do projeto arquitetônico de um Spa Termal no Paraná.

1.3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conceituar a arquitetura oriental japonesa;
- Pesquisar a história do banho ocidental;
- Pesquisar a história da *onsen*;
- Conceituar termas, spa e *onsen*;
- Adquirir informações técnicas dos espaços de banho, estrutura necessária em estabelecimentos típicos para essa temática;
- Relacionar casos orientais e ocidentais, analisando suas configurações espaciais;
- Propor um local e diretrizes para auxiliar a elaboração do projeto arquitetônico do Spa Termal no Paraná.

1.4. METODOLOGIA DE PESQUISA

Essa pesquisa foi desenvolvida a partir de estudos sobre arquitetura oriental japonesa, particularmente, hotéis com fontes termais – *onsen* – a partir da análise de referências bibliográficas, web gráficas, entrevistas, publicações periódicas e por meio de conversas com conhecedores do assunto.

Foi realizada uma conceituação temática, análise de estudos de casos internacionais e nacionais para complementar o estudo e contribuir para a leitura da realidade. As informações foram obtidas em sua maioria através de imagens e descrições do local, pois infelizmente são estruturas locadas em regiões distantes de Curitiba.

As diretrizes de projeto são definidas e concluem este trabalho, baseadas nas informações coletadas durante todo o processo de pesquisa, dando embasamento para a elaboração do projeto arquitetônico do Spa Termal.

1.5. ESTRUTURA DE TRABALHO

Este trabalho está estruturado em seis capítulos, que se dividem em subcapítulos, que por sua vez se dividem em intercapítulos. O presente capítulo apresenta o tema, objetivos, gerais e específicos, metodologia e estrutura aplicada na elaboração da pesquisa.

O segundo capítulo trata de uma conceituação temática da arquitetura oriental e situar a história dos banhos orientais e ocidentais. O terceiro capítulo descreve a análise de projetos executados em vários locais diferentes no mundo com o objetivo de bem-estar e qualidade de vida em comum.

O quarto capítulo se trata da interpretação da realidade, apresentando as diretrizes e propostas para o projeto do Spa Termal a ser desenvolvido. Sendo o quinto capítulo um parecer sobre o trabalho realizado nessa pesquisa e por último, as referências bibliográficas utilizadas para enriquecer o conteúdo teórico desta monografia.

2. CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA

2.1. ESTRUTURA DA ARQUITETURA ORIENTAL

A arquitetura japonesa possui várias características marcantes que permitem a identificação quase imediata do estilo. Apesar dos vários “ruidos” criados a partir da tradição milenar da construção da arquitetura oriental, ainda é possível encontrar muitos projetos e exemplares da arquitetura tradicional e releituras – ou apenas a aplicação da filosofia cultural – feitas por arquitetos renomados.

2.1.1. BREVE HISTÓRICO

Historicamente a arquitetura japonesa demonstra resquícios de existência desde o período neolítico. Com plantas circulares ou retangulares, as casas eram construídas dentro de um buraco feito no chão de aproximadamente 40 centímetros a 1 metro de profundidade e de 4 a 6 metros de largura. Eram como fossas cobertas por palha com estrutura em pilares de madeira cravados no solo e cruzadas por cima (FIGURA 1).



FIGURA 1 – CABANA NEOLÍTICA
FONTE: HERITAGE OF JAPAN

Após esse período, até metade do século I a.C., as cabanas subiram ao nível do terreno, e depois se tornaram elevadas do solo e com telhados de duas águas, perto do século III a. C. Tal fato pode ser explicado, segundo Noburu Kawazoe (1993), em uma publicação para a International Society for Educational Information, *Arquitetura Japonesa*, e Adolf Tamburello (1973), em *Historia Universal de la Arquitectura Oriental*, pelo surgimento do cultivo do arroz, período em que se formaram planícies de aluvião em decorrência do retrocesso do litoral pela baixa repentina da temperatura. Esse antigo sistema construtivo deixou como herança o uso das estacas que apoiavam a viga e a cumeeira da cobertura das plantas retangulares, sendo utilizado por muito tempo na arquitetura japonesa.

Com alguma influência da China Meridional, alguns grupos se tornaram sedentários com as práticas agrícolas, e devido às várias guerras, o povo japonês construiu paliçadas ao redor das aldeias, porém estas não se desenvolveram para cidades, como acontecia na Grécia Antiga e em outras regiões da Europa nessa época. As aldeias foram abandonadas e, posteriormente, por volta dos séculos IV e VI d.C. foram transformadas em mausoléus – termo traduzido: *kofun* - (FIGURA 2). São cerca de 20.000 mausoléus e possuíam um formato de fechadura.



FIGURA 2 – KOFUN
FONTE: MINISTÉRIO DA TERRA, INFRAESTRUTURA, TRANSPORTE DE POLITICA
BUREAL GIHSP – MLIT

Pelo fato de o Japão estar localizado geograficamente em um arquipélago sem fronteiras com outros povos e sem nenhuma riqueza natural (FIGURA 3), não sofreu nenhum tipo de colonização por outros povos; mas, ao longo dos anos, recebeu algumas influências de outras culturas: inicialmente da China; depois de portugueses e espanhóis, na segunda metade do século XVI; de ingleses, franceses e italianos na metade do século XIX; e dos Estados Unidos a partir do século XX.



FIGURA 3 – MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO JAPÃO
FONTE: NATIONALGEOGRAPHIC

A influência chinesa levou ao Japão, em meados do século V d.C., o Taoísmo, o que refletiu em muitas das ações dos japoneses, influenciando em critérios de sistematização das zonas de edificação e de princípios urbanísticos. Também de origem chinesa é o Confucionismo, que levou os conhecimentos de sistemas burocráticos e do Budismo, religião que substituiu o Xintoísmo primitivo.

A religião influencia, desde a antiguidade até a atualidade, a arquitetura japonesa, o que fez com que a primeira construção arquitetônica monumental do Japão tenha sido um templo budista. Os templos budistas e sua imponência impressionaram os japoneses e em consequência, os xintoístas também construíram os seus templos. Os templos budistas (FIGURA 4) ajudaram a

unificar o território e também eram locais para educar as grandes elites, como centros de cultura possuíam em sua estrutura museus de arte e artesanato.



FIGURA 4 – TEMPLO BUDISTA KIYOMIZU-DERA EM KYOTO
FONTE: GOTO OSAMI

Em 552 a 645 d. C., Era Asuka, a influência chinesa introduziu um novo sistema construtivo para templos e também para residências. Entre os séculos VI e VII surgiu a cidade de Asuka, com patrocínio budista e da Imperatriz Asuka, com aspecto de capital, constituída por prédios públicos e residências, santuários xintoístas e templos budistas.

Nessa época se estabeleceu, segundo Tamburello (1973), um costume na vida política dos japoneses de que todo soberano deveria fixar a residência imperial num local previamente escolhido ao ascender ao trono, com a possibilidade de transferência do local caso necessário, podendo ter ligação ao fato de o Japão ter sido unificado inicialmente por guerreiros nômades. Para Tamburello (1973), essa tradição seminômade se refletiu nas construções com caráter simples e pouco mobiliário, eram quase como tendas mais estruturadas, capazes de serem transladadas conforme a necessidade. Esse constante traslado impedia o crescimento urbano.

Logo depois, foi construída a cidade de Nara (FIGURA 5), na época fundada como Heijyo-kyo, em 710 d.C., sendo a primeira capital permanente do estado e servindo de exemplo para cidades chinesas.

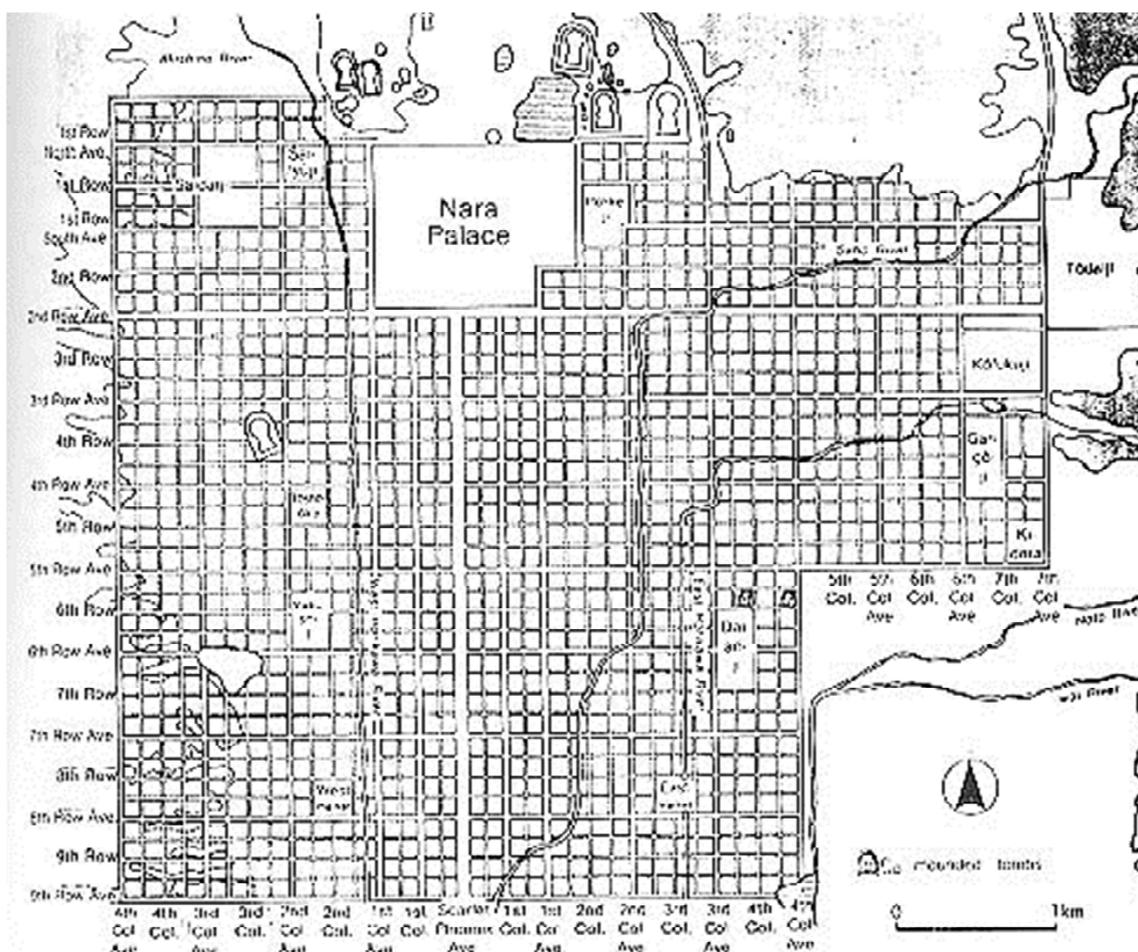


FIGURA 5 – MAPA DA CIDADE DE NARA
FONTE: BRIAN HOFFERT

Em 784 foi criada pelo Imperador Kammu (737 – 806) a capital Heian-kyo, mais tarde conhecida como Kyoto, residência imperial até 1867. Essa foi a época em que surgiram as primeiras soluções arquitetônicas originais japonesas, segundo Tamburello (1973). As construções buscavam o tradicionalismo japonês e retomavam e aprimoravam soluções anteriores. As estruturas, sistemas construtivos e materiais utilizados na construção voltavam a ser os da antiga tradição insular, as coberturas eram em casca de árvore e

palha novamente, as estruturas deixavam de ser de pedra e argila e voltavam à madeira. A estrutura dos telhados baseada em pilares de madeira ao invés de paredes (FIGURA 6) se mostra a solução técnica mais marcante da arquitetura japonesa.



FIGURA 6 – ESTRUTURA DE TELHADO COM PILARES, SEM PAREDES.
FONTE: RYO HATA (1998)

As doutrinas do budismo esotérico da época levaram a ideais mais primitivos, de elevação mística, realocando os monastérios para locais montanhosos, mais retirados, o que causou mudanças na arquitetura Budista. As construções deixaram de ser simétricas e adotaram um desenho com ambientação mais orgânica, uma maior conexão com a paisagem, fundindo-se com a natureza o que, segundo Tamburello, são características da arquitetura xintoísta.

Segundo Teiji Itoh (1983), o budismo com o tempo foi adquirindo uma característica mais de religião e deixando as funções de proteger o Estado, os templos saíram das planícies e foram para as montanhas, perdendo as

demarcações de territórios; e assim surgia pela primeira vez no Japão a base filosófica para criação de espaço arquitetônico.

Já na Era Kamakura (1185-1333), os poderes de Estado passaram para os militares, a arquitetura se tornou sóbria e sem adornos, residências foram elaboradas no “estilo guerreiro”, chamado de Bukezukuri, construídas para garantir segurança às habitações. Já não eram dispostas com um jardim ao redor, mas sim com fossas e paliçadas, e os jardins se tornavam lugar para treinamentos de defesa.

Após alguns anos, os estilos construtivos Tenjiku-yo e Kara-yo foram levados pelos chineses ao Japão, modificando a forma de projetar a arquitetura budista. Os dois estilos possuíam características semelhantes, como elementos estruturais e telhados. Enquanto o estilo Tenjiku-yo se verticalizava (FIGURA 7), o Kara-yo (FIGURA 8) retornava a implantação simétrica, aplicada nos templos *Zen* budistas chineses.



FIGURA 7 – TEMPLO NO ESTILO TENJIKU-YO (NARA)
FONTE: U-M PERSONAL WWW SERVER



FIGURA 8 – TEMPLO NO ESTILO KARA-YO (KAMAKURA)
FONTE: HAUNTY HUBPAGES

Entre os séculos XIII e XV a linha do *Zen* budista retirou o colorido das mandalas e assumiu um aspecto mais natural, segundo Itoh (1983), o *Zen* estava em todas as coisas da natureza, em cada ato que a pessoa realizava, quando tentava se aproximar da natureza estava se aproximando do estado *Zen* de ser, o caminho de Buda.

Na Era Muromachi (1333-1573) a sede de Kamakura foi transferida para Muromachi, em Kyoto, criando uma distância entre militares e nobreza. O Bukezukuri foi abandonado e a nobreza que assumiu o poder retornou com os ornamentos como uma forma de exibicionismo da alta sociedade; o uso de ornamentos em ouro e cores contrastava com o antigo estilo bukezukuri, sóbrio e rígido.

Assim, o estilo Zen Budista convivia com novas expressões e cria nos séculos XV e XVI, uma cerimônia que ensinaria a refinar a cultura em uma casa rústica e simples, mais tarde aprimorada na Cerimônia do Chá (FIGURA 9). A cerimônia introduzida no Japão pelos grandes mestres Zen levou a uma compreensão diferente do espaço arquitetônico residencial, voltando pra forma mais simples, sem adornos, de dimensões modestas, superfícies amplas abertas para o exterior, o que influenciou profundamente na forma de se fazer o jardim japonês. Surge o estilo Kosansui (FIGURA 10), jardim composto por pedras e areia branca e amarela apenas, de influência Zen budista.



FIGURA 9 – GRAVURA REPRESENTANDO UMA CERIMÔNIA DO CHÁ
FONTE: CHIKANOBU (1890)



FIGURA 10 – JARDIM NO ESTILO KOSANSUI
FONTE: PANORAMIO (2009)

No final do século XV, segundo Itoh (1983), com as guerras surgiram castelos (FIGURA 11) e fortalezas, dominando os espaços e empobrecendo os templos, que criaram o sumô (FIGURA 12) como forma de entretenimento ao povo e reestabelecimento financeiro. Já segundo Tamburello (1973) a

construção de castelos se deu pela chegada de europeus ao arquipélago japonês.



FIGURA 11 – CASTELO MATSUMOTO (NAGANO)
FONTE: HIROKI SUZUKI (2011)



FIGURA 12 – FOTOGRAFIA DE UMA LUTA DE SUMÔ
FONTE: YESICANUSECHOPSTICKS

O Japão passou por várias guerras civis, e no século XV a chegada dos portugueses levou ao conhecimento japonês as armas de fogo. O clima bélico estabeleceu no Japão construções de muros altos, fossas profundas e

elevadas torres, mas pela falta de costume dos japoneses com essas grandes fortalezas, as construções sofreram alterações, os castelos perderam seu aspecto original e os blocos de edifícios se separaram e se distribuíram no jardim. O sistema construtivo de castelos não perdurou no Japão, mas colaborou para um desenvolvimento urbanístico, pois em torno das fortalezas cresciam as cidades.

Na era Edo (1615-1867), segundo Tamburello (1973), sob os domínios dos Tokugawa, o castelo de Edo (FIGURA 13) teve em seu entorno o desenvolvimento da maior cidade da época, que se tornou centro administrativo e estatal, o coração do país, e mais tarde parte da cidade se torna Tóquio. Nessa época, segundo Itoh (1983), o país estava fechado para países estrangeiros por motivos políticos, crescendo sem nenhuma influência externa a Arquitetura Japonesa mais pura aprimorava as habitações populares – *minka*. Essas linhas essenciais de sistema construtivo desenvolvido deram forma ao estilo *sukiya*, ainda muito influente na construção atual. Citação de Tamburello quanto ao estilo *sukiya*:

(...) que culmina a evolução da arquitetura residencial japonesa, estabelecendo o tipo de moradia, a que permaneceu fortemente ligada a casa atual de estilo tradicional. (TAMBURELLO, 1973, p. 390)



FIGURA 13 – IMAGEM PANORAMICA DA CIDADE DE EDO, CASTELO DE EDO EM DESTAQUE
 FONTE: KOMAZAWA-U

Com o desenvolvimento do cultivo do arroz em planícies alagadiças, as casas passaram a ser construídas sobre bases elevadas de 70 a 100 centímetros do solo, segundos pisos, paredes externas móveis – *shoin* – pilares e pisos de madeira, espaços internos divididos por painéis corrediços – *fusuma* - e biombos (FIGURA 14). Estipulou-se a medida padrão de esteiras – *tatame* - de 0,918 x 1,837 metros, influenciando na medida dos edifícios. Os pontos de apoio estruturais foram para o centro da construção dando maior liberdade na distribuição dos espaços internos e tornando mais complexas as estruturas de apoio da cobertura.

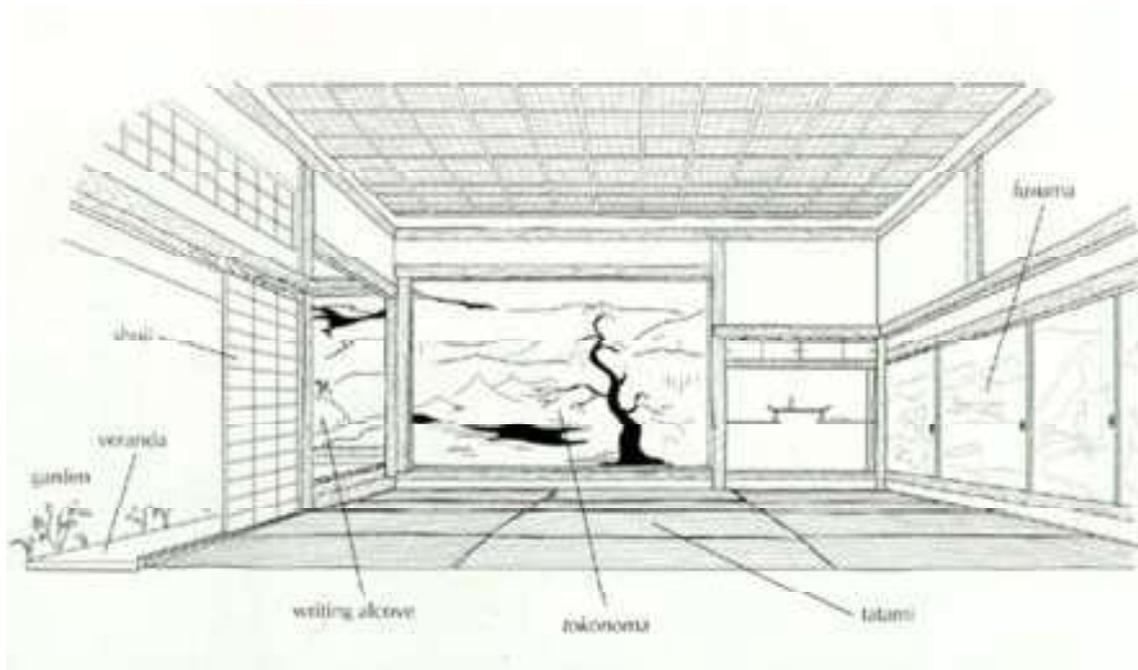


FIGURA 14 – DIAGRAMA COM INDICAÇÕES DE ELEMENTOS COMO SHOIN, FUSUMA, SHOJI E TATAMI
 FONTE: SCHAFFER

No final da Era Edo, foram reestabelecidas as relações diplomáticas do Japão e a arquitetura sofreu novas modificações; as estruturas passavam a ter grande influência ocidental: surgiram novas funções arquitetônicas, como universidades, museus, usinas, fábricas e estações de estrada de ferro, e as construções que eram predominantemente horizontais passaram a se verticalizar.

Na Europa estava surgindo o Movimento Moderno internacional, levando os jovens arquitetos a projetar baseando-se em trabalhos de vanguarda do industrialismo e nacionalismo, incorporando o Japão no Movimento com sucesso. Nessa época houve uma troca de influências entre Arquitetos europeus e norte-americanos e Arquitetos japoneses.

Para Kawazoe (1993), o Japão ficou durante tanto tempo fechado a influências externas, o que acabou preservando a essência de sua cultura; quando se abriu para relações exteriores, vários arquitetos europeus e norte-americanos foram contratados para projetar edifícios públicos e fábricas no

Japão, disseminando o Movimento da Arquitetura Moderna do ocidente (FIGURA 15) até o Japão (FIGURA 16).

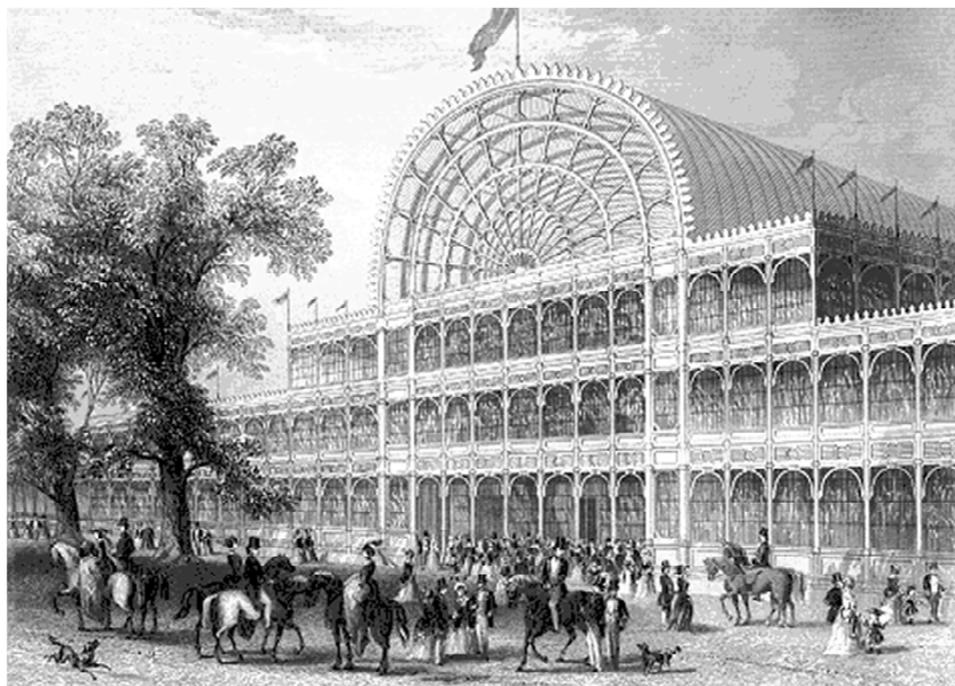


FIGURA 15 – PALÁCIO DE CRISTAL, MOVIMENTO MODERNO OCIDENTAL
FONTE: TALLIS' HISTORY AND CRITICISM OF THE CRYSTAL PALACE (1852)



FIGURA 16 – ROKUMEIKAN, MOVIMENTO MODERNO JAPONÊS
FONTE: STAINED

Os arquitetos japoneses ficaram impressionados com as semelhanças nos sistemas construtivos da Arquitetura Moderna e a Arquitetura Japonesa

Tradicional, como a liberdade espacial possível pelas estruturas de colunas e modulações, mostrando como esse ideal poderia ser aplicado em qualquer parte do mundo.

2.1.1.1. Conceção Espacial Japonesa

A percepção do mundo dos japoneses é diferente da ocidental com a qual estamos acostumados, tanto física quanto psicologicamente. Portanto, suas concepções espaciais também são diferentes das ocidentais. As tradições culturais, hábitos, religiões e filosofias influenciaram nas articulações de espaço. Os princípios mantidos através dos anos, aspectos culturais primitivos, dogmas religiosos, princípios éticos e filosóficos importados de outros lugares que penetraram na cultura do povo japonês tornaram os conceitos de organização e ordenação espacial profundamente complexo.

Esse desenvolvimento de vários elementos religiosos e culturais ao longo dos anos no Japão inclui os pensamentos e sentimentos no conceito espacial da casa tradicional japonesa, incorporando corpo e mente no projeto, o aspecto físico e psicológico, o cerebral e sensual, um espaço experimentado com todos os cinco sentidos.

A Casa de Chá é um exemplo dessa sinestesia: num local simples, a casa rústica possui todos os elementos arquitetônicos que caracterizam a arquitetura japonesa; um espaço que não foi feito apenas para tomar chá, mas para refinar a mente e o espírito, limpar os sentidos através do *wabi* e *sabi*.

Segundo a arquiteta portuguesa Isabel Quelhas Lima (1985), *wabi* poderia ser definido como um estilo fundamental e espiritual do estilo Sukiya.

O estilo fundamental e espiritual do estilo Sukiya, tanto pode significar solidão como desolação, simplicidade, afeição pela não ostentação, melancolia. (...) A idéia de *Wabi* transcende o meramente físico, incluindo elementos de moral e sensibilidade espiritual. (LIMA, 1985, p. 49)

Wabi, entendido por Yagi Kogi como quietude simples, e Sabi, como simplicidade elegante, são opostos ao deslumbramento. O Wabi se mostra no desapego material, na beleza da simplicidade, harmonia da natureza e liberdade espiritual.

Na cerimônia do Chá (FIGURA 17) também temos a noção estética do vazio, expressão muito utilizada na religião e um conceito muito importante na cultura japonesa.



FIGURA 17 – CASA DE CHÁ TRADICIONAL
FONTE: THISFACADE

Dentro da cultura japonesa a proximidade com a natureza é de extrema importância na concepção espacial das casas tradicionais. Essa proximidade com a natureza estabelece conceitos e regras, que são aplicados diretamente em projeto como, por exemplo, o *feng shui* (FIGURA 18), expressão chinesa, ou *kasoo*, expressão japonesa para Geomancia, técnica utilizada para implantação de edifícios no terreno, que possui os pontos cardinais como limitantes, e cada direção possui uma atribuição.

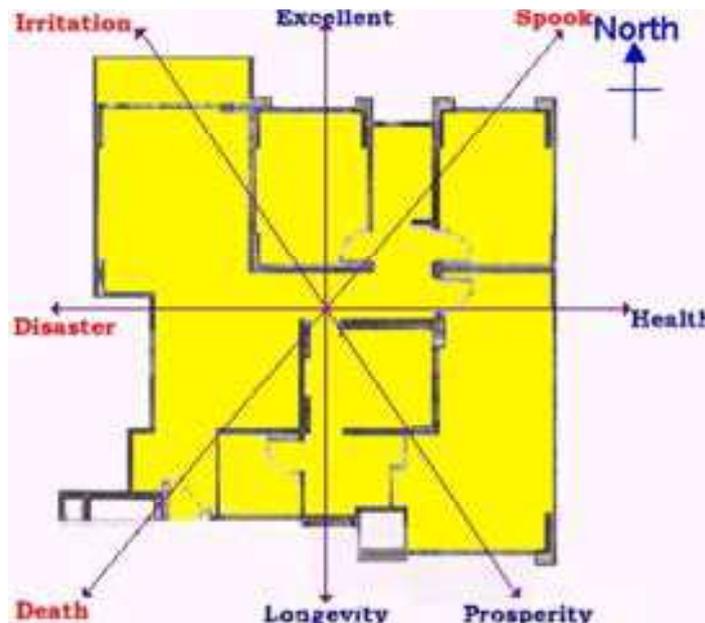


FIGURA 18 – DIAGRAMA DA DISTRIBUIÇÃO DO FENG SHUI EM UMA CASA
 FONTE: GEOMANCY

A distribuição simétrica utilizada em templos e palácios não acontece nas residências tradicionais japonesas, a assimetria ajuda a equilibrar a esquerda e a direita, criando uma beleza dinâmica. A natureza proporciona uma beleza assimétrica, segundo Koji, poderia ser daí a influência na arquitetura japonesa, por ter se originado em meio a florestas, a ligação com a natureza fica cada vez mais forte.

É difícil explicar o amor japonês pela assimetria, contudo não está desconexo da percepção que eles têm da natureza (...) a cultura japonesa se originou no mundo caótico da floresta (YAGI, 1982, p.7)

O conceito de beleza na visão japonesa é algo mais subjetivo que objetivo, ela expressa-se como um diálogo com a natureza, depende muito da interação entre o observador e o sentimento que surge nele, da resposta que se tem da participação do observador, a beleza vem da impermanência (*mujo*). A verdadeira beleza apenas se revela quando se completa o incompleto, o objeto depende do observador e o espaço depende do observador usuário.

2.1.1.2. Expressões No Japão

2.1.1.2.1. Estética - Conceito de Beleza

São várias as expressões estéticas utilizadas no Japão, a beleza está expressa em vários atos cotidianos, especialmente em comida, vestuário, artes plásticas e arquitetura.

Para os japoneses, o tempo e espaço caminham juntos, sendo a beleza intrínseca ao tempo, como exemplo a Casa de Chá, espaço em que temos a sensação de harmonia possível apenas no momento em que o usuário presencia com todos os seus sentidos o local, ou também o jardim japonês (FIGURA 19), onde todos os elementos são criados de modo a gerar ritmo e movimento pelas formas percebidas pelo observador.



FIGURA 19 – JARDIM JAPONÊS
FONTE: DEVIANART

Sem considerar o conceito de harmonia entre a Arte e a Natureza o entendimento da arquitetura japonesa pode ser comprometido, mal compreendido.

O que pode sempre ser dito em relação à Arquitetura Japonesa é que a beleza de um edifício atinge seu ponto máximo, não na conclusão do

edifício. O momento de conclusão é o ponto de partida da beleza. O amadurecimento da beleza vai sendo criado à medida que os edifícios vão sendo habitados. (ITOH, 1983, p. 20)

Shibui é a expressão estética mais conhecida, difícil de ser traduzida em uma palavra, está relacionado ao incompleto e à transformação. Segundo o arquiteto Ching-Yu Chang, *Shibui* poderia ser contraposto ao “*Chi*” chinês, que representa um estado de absoluta quietude. Devota um poder de tranquilidade, compara a quietude com o incompleto, relacionado à arte, onde há um espaço sobrando no qual alguém irá preencher com a imaginação.

Essa beleza no incompleto demonstra o valor da imperfeição, da irregularidade na expressão estética japonesa, demonstrando a assimetria de composição fortemente marcada na Arquitetura Japonesa.

Para Norman F. Carver Jr (1955), a assimetria confere uma vitalidade única à Arquitetura Japonesa, pois é preciso participar para entender, ter a experiência do local para absorver sua essência. Ao sugerir que a mente complete o incompleto, o objeto está em constante mudança ao observador.

Isso mostra que a vida não é estática, perfeita, finalizada, mas sim melhor que isso é essência em crescimento, mudando e contada. (CARVER, 1955, p. 14)

Shibui também pode se referir à beleza de algo em seu estado natural, envolve todos os sentidos do observador, através do uso de forma, cor e som.

Chang cita que o Walter Gropius, arquiteto ocidental entendeu o incompleto como sendo o princípio estético da arquitetura japonesa de maior importância, Gropius diz que o incompleto se refere à continuação da vida, sendo o simétrico utilizado nas arquiteturas sagradas, de templos (FIGURA 20 E 21). O contraste simples já dá um grande significado.



FIGURA 20 – TEMPLO SIMÉTRICO
FONTE: HOUSE OF JAPAN



FIGURA 21 – RESIDENCIA TRADICIONAL JAPONESA ASSIMÉTRICA
FONTE: LATES HOUSE DESIGN

Chang também transcreve palavras de Kazuzo Okakura, que identifica a Cerimônia do Chá como o início da compreensão do incompleto.

“Na sala de chá é deixado para a imaginação de cada convidado completar o efeito total em relação a si próprio.” (CHANG, 1984, p. 67)

Também relacionado ao incompleto está a expressão *Haiku*, como uma iluminação temporária, um olhar rápido ou um sentimento momentâneo. Um rápido olhar sobre um objeto pode estimular um senso de beleza como, por exemplo, as várias camadas de um *quimono* (FIGURA 22), vestimenta feminina japonesa, em que, em um momento rápido, se tem um olhar sobre uma camada interna, e quando o tecido vira revelará um detalhe captado de relance, estimulando o observador a completar a imagem.



FIGURA 22 – KIMONO
FONTE: SUZUKI AKINO

Em função da grande conexão com a natureza, os japoneses prezam muito por essa expressão que pode também ser ligada a transição e a mudança, que é vista e observada nas mudanças de estações, a beleza da flor está no cair de uma pétala de cerejeira (FIGURA 23). Quando projetados, os jardins japoneses possuem ênfase na mudança de estações (FIGURA 24).



FIGURA 23 – FLORES DE CEREJEIRA
FONTE: BEST WALLPAPER

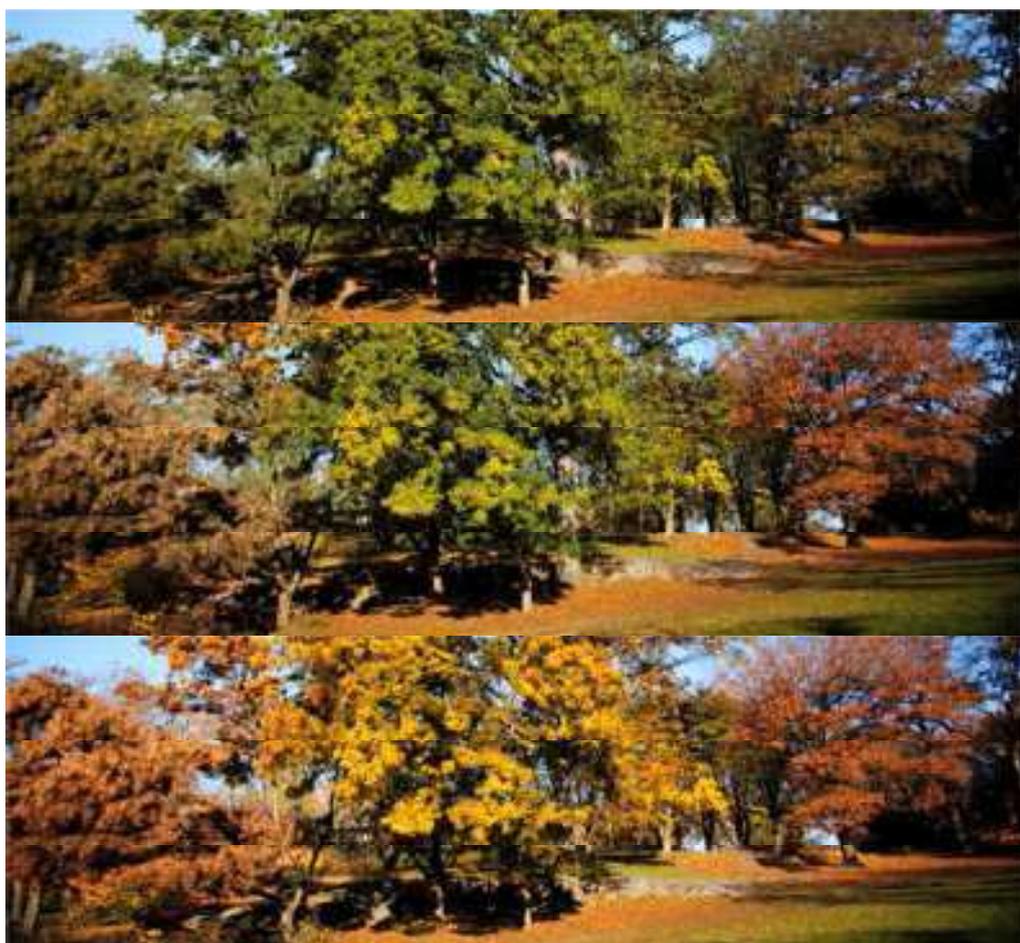


FIGURA 24 – A DIFERENÇA VISTA NA MUDANÇA DE ESTAÇÕES
FONTE: REVISTA CASA E JARDIM (2012)

Esse sentimento em relação à natureza é expresso com o ***Mono-no-aware***, expressão emocional para os japoneses quando se relaciona com a natureza baseando-se na necessidade de coexistir com ela.

Alegria ou beleza também possuem uma expressão específica para os japoneses, ***Okashi***, algo que tem o poder de trazer um sorriso a uma pessoa para que ela sinta prazer ou diversão.

Miyabi expressa o ato de refinar os sentimentos através do cheiro das flores, de madeiras raras, sentidos através de incensos colocados nos lugares, isso representaria uma elevação espiritual aos japoneses.

Yugen se refere a um profundo sentimento interno, uma expressão de profundidade, como um mistério não traduzido, algo incompreendido, algo abstrato em todas as atividades artísticas, o inevitável, a impermanência. Yugen para os japoneses seria algo apreciado pela mente apenas, não verbalizado, vai além da consciência.

Wabi e ***Sabi*** são expressões estéticas para despojamento, a viver uma vida comum com o despojamento, apreciando as imperfeições do viver, relacionados a doutrinas de desapego do Zen budista. Dessas expressões se tem a ideia de alcançar o vazio da mente que traz tranquilidade, ***Wabi*** é quietude e ***Sabi*** é simplicidade, são aplicados nas produções artísticas através do rústico, do imperfeito, do monocromático e aspecto natural, para a cultura nipônica está representado pela simplicidade e sutileza.

2.1.1.2.2. Espaço – Expressões Espaciais

Espaço em japonês está representado pela palavra ***Kukan*** (FIGURA 25), formada por dois ideogramas: ***Ku*** que pode significar espaço entre o céu e a terra, ou vazio; e ***Kan***, que também pode significar ***Ken*** ou ***Ma***, que

expressam um intervalo no tempo-espaço, tempo entre eventos, quantidade de espaço ou medida.

The image shows the Japanese ideogram for 'space', consisting of the characters '空' (Kū) and '間' (kan) written in a traditional, bold, black font.

FIGURA 25 – IDEOGRAMA DE ESPAÇO – *KUKAN*
 FONTE: JAPANESE SYMBOLS

The image shows the Japanese ideogram for 'empty', consisting of the characters '空' (Kū), 'っ' (tsu), and 'ぽ' (po) written in a traditional, bold, black font.

FIGURA 26 – IDEOGRAMA DE VAZIO – *KARAPPO*
 FONTE: JAPANESE SYMBOLS

The image shows the Japanese ideogram for 'interval', consisting of the character '間' (kan) written in a traditional, bold, black font.

FIGURA 27 – IDEOGRAMA DE INTERVALO ENTRE ESPAÇOS – *KAN* OU *MA*
 FONTE: SHIATSUINRETE

O ideograma *Ma* é amplamente aplicado nas representações artísticas no Japão e possui vários significados conforme sua aplicação, sendo o intervalo entre partes de um poema, o espaço entre o jardim e a casa de chá. O tempo e espaço em conjunto são vistos como um intervalo, conceituado pelo *Ma* e se refletindo amplamente na arquitetura, música e artes plásticas. Para Arata Isozaki (1902), o *Ma* só pode ser compreendido quando é vivido, quando há vida sendo vivida no local.

A leitura do ideograma de *Ma* pode ser lido também como **Suki**, que indica uma unidade estrutural, a distância entre dois pontos, o espaço entre quatro paredes ou um espaço delimitado por quatro postes.

Ma com a leitura de **Yami** pode significar escuridão total que, segundo a história antiga do Japão, acreditava-se que os espíritos da escuridão desciam a terra em tempos específicos, e então era organizado um ritual para recebê-los.

Ma também pode ser visto como uma ponte, **Hashi**, algo que liga duas extremidades, tudo que cruza, *Hashi* seria uma ponte, mas não uma ponte que liga dois mundos, mas que atravessa o *Ma* entre os dois mundos.

Utsuroi também vem do *Ma*, como uma maneira de sentir o movimento, a queda das flores, sombras que caem em água ou terra são fenômenos que impressionam a visão dos japoneses e influenciam na concepção espacial japonesa.

Ma pode traduzir o aspecto que as coisas adquirem com o passar do tempo, sinal de efêmero, lido como *Sabi*, visto no charme que a desolação causa no espírito japonês, relacionado ao budismo quanto a impermanência, na vida tudo é transitório, tudo tem um fim.

Comprimento e largura são expressos pelos termos **Tate** e **Yoko**, respectivamente, que são lidos com dualidade; *Tate* se refere a verticalidade ou comprimento, sendo que *Yoko* seria a horizontalidade ou largura.

Omote, o lado da frente, pode significar formal, e **Ura**, o lado contrário, informal.

Oku, como profundo dentro do espaço, podem significar o secreto, incompreensível.

Todas essas expressões e muitas outras demonstram o refinamento na visão japonesa quando relacionada às artes, a consciência do japonês quando relacionado ao espaço e sua aplicação no cotidiano. São percepções que ultrapassam a capacidade de se expressar apenas de forma teórica e escrita, é algo a ser sentido e experimentado.

A ideia de espaço no Japão, assim como um sistema de linguagem, é formulada paulatinamente através da constituição da sua própria cultura, ou seja, não de um começo nem de um fim. (CHANG, 1984, p. 60)

A união desses termos gera novas expressões, e toda essa linguagem revela a combinação entre físico e psicológico que, segundo Chang (1984), constitui a base da estética do espaço japonês. A relação com o espaço para os japoneses se dá pela experiência sequencial.

Kasoo, entendido como geomancia ou feng shui, tem grande importância no projeto do espaço tradicional japonês. Por volta do ano 602, a filosofia foi introduzida no Japão por um monge coreano que também levou ao conhecimento dos japoneses a arte do invisível, a magia e a astrologia. O ideal de *Kasoo* nos primórdios se tratava da crença da existência de quatro criaturas místicas (FIGURA 28) que eram guardiãs dos quatro lados de qualquer área: o dragão azul a leste, simbolizando a paz; o tigre branco a oeste, símbolo de solidão e tristeza; a fênix vermelha a sul, prosperidade e sorte; e a tartaruga preta a norte, como distração. Essa crença tem origem nas doutrinas budistas, e teve uma contribuição dos chineses que acrescentaram um centro, na cor amarela, aos quatro lados.



FIGURA 28 – IMAGEM DAS QUATRO CRIATURAS MÍSTICAS DO KASOO – FENG SHUI
FONTE: FANFICTION

Essa crença levou à criação de uma ideia de local ideal para elementos ordenadores espaciais. Segundo os princípios de *kasoo*, o lugar ideal deveria ter um córrego a leste, uma estrada a oeste, uma lagoa a sul e montanhas a norte. A cidade de Kyoto (FIGURA 29 E 30) foi criada respeitando esses elementos de ordenamento, esse princípio envolve a união das energias do yin-yang, positivo e negativo, homem e mulher, luz e sombra.

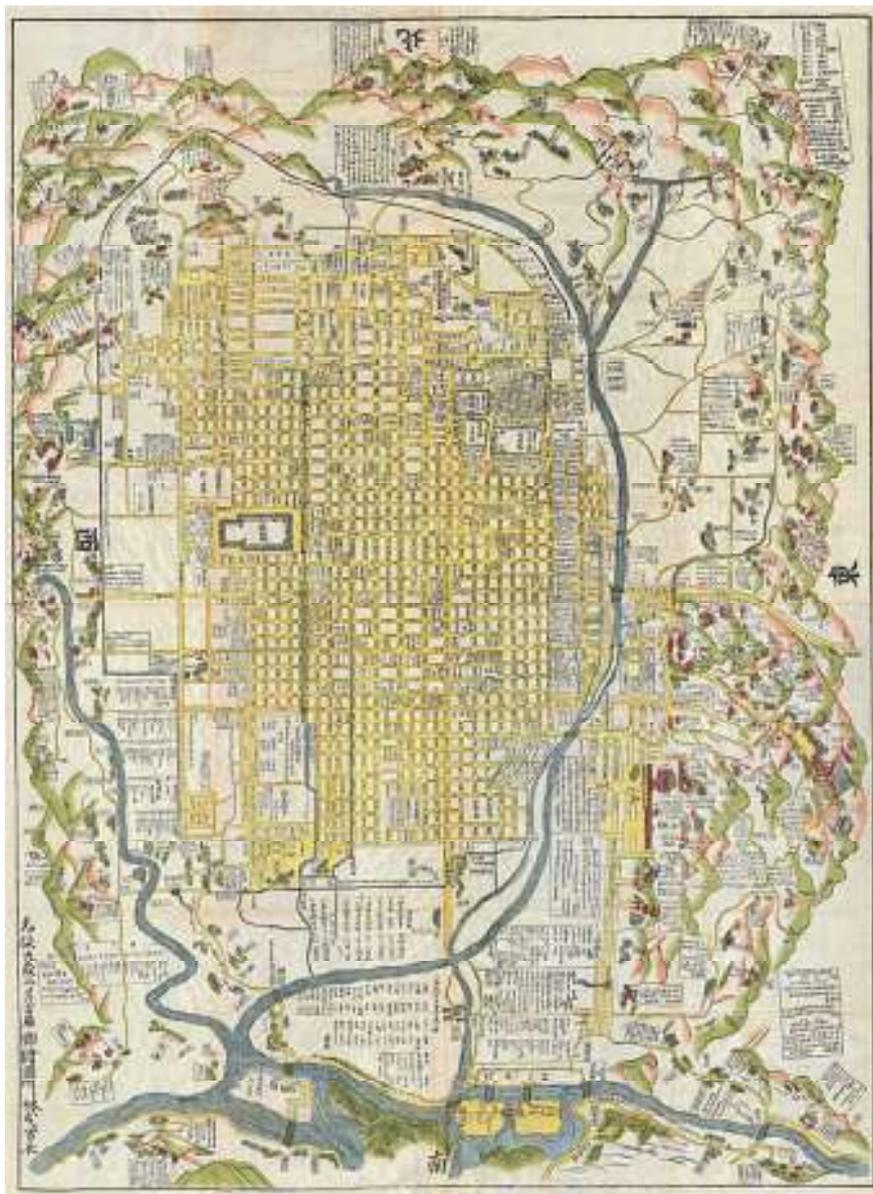


FIGURA 29 – MAPA DA CIDADE DE KYOTO
FONTE: ANCIENT WORLDS

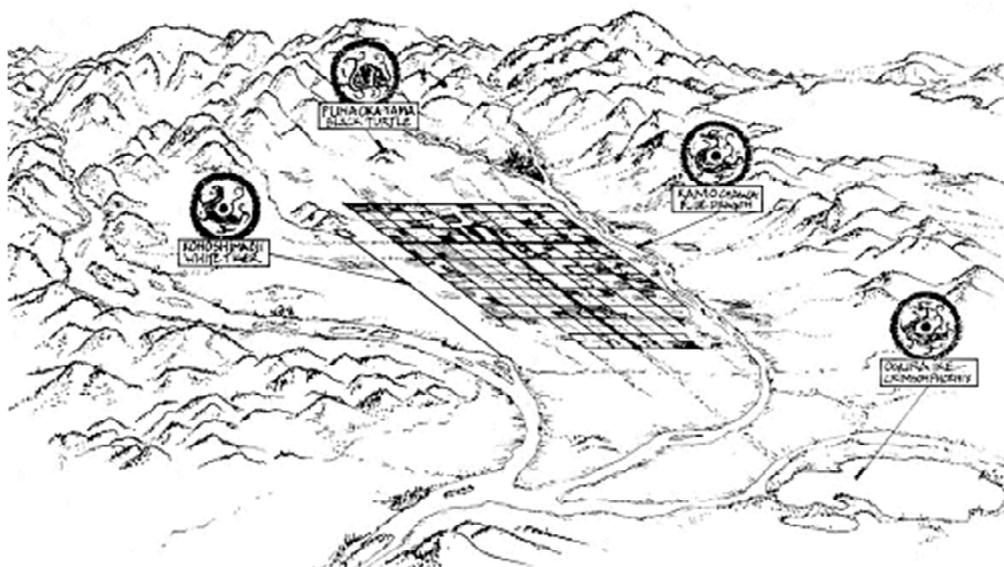


FIGURA 30 – DIAGRAMA COM IMPLANTAÇÃO DE KYOTO CONFORME O FENG-SHUI
 FONTE: ANCIENT WORLDS

O termo **Engawa** (FIGURA 31) representa na casa tradicional japonesa a transição entre espaço interno e externo, aqui no ocidente considerado como a varanda, porém com uma conotação de dualidade que difere do ocidente, a transição pode ser uma extensão entre o espaço interno e a extensão do espaço externo.



FIGURA 30 – ENGAWA – VARANDA TRADICIONAL EM CASAS JAPONESAS
 FONTE: JAPANESE GARDENING

A coluna é de grande importância na organização espacial tradicional japonesa, ela não é um elemento para suportar peso apenas, é nela que os

japoneses acreditam que habita o **Kami** – Deus -, sendo considerado um local sagrado. Os espaços mais importantes dentro da residência japonesa normalmente são dispostos em torno de uma coluna (FIGURA 32).



FIGURA 32 – COLUNAS
FONTE: FURIHATA

A horizontalidade das construções deriva de uma arquitetura de harmonia natural, deixando o homem mais próximo da terra, assim com mais contato com a natureza.

O telhado para os japoneses é a parte principal da casa, **Ya** significa telhado ou lugar para ficar, um local seguro para se abrigar. A construção japonesa quando é feita, normalmente se levanta as colunas e o telhado primeiro, e depois se colocam as divisórias.

Se no Ocidente o edifício cobre o homem e o protege do perigo exterior, no Japão é o espaço exterior, a natureza recriada no jardim que protege e cobre o edifício que cobre o homem. (PEDRAGOSA, 2001, p.20)

2.2. SPA, TERMAS OU ONSEN

2.2.1. TERMAS

A definição segundo o dicionário Michaelis para a palavra “*termas*”:

sf. Pl (lat *thermas*) 1. Estabelecimento destinado ao uso terapêutico das águas medicinais quentes. 2. Águas termais; caldas. 3. **Antig rom** Edifício próprio para banhos públicos.

Como citado, o termo é conhecido desde a Roma antiga, onde existiam edifícios públicos para banhos, que já era considerado essencial para saúde e paz de espírito. No início do século III as casas de banho se tornam populares. Após essa época, Roma sentiu a necessidade do desenvolvimento de aquedutos (FIGURA 33) para transportar a água para as casas de banho.



FIGURA 33 – AQUEDUTO (ESPANHA)
FONTE: REVISTA CASA VOGUE

Os Gregos e Romanos construíram grandes e suntuosas casas de banho onde podiam interagir socialmente, fazer negócios, comer, beber ou até mesmo desenvolver ligações de cunho sexual. Algumas das casas de Banho eram tão grandes que incluíam até mesmo grandes halls para discursos,

galerias de arte, salas de meditação e oratórios, além de algumas salas privadas para outros tipos de usos.



FIGURA 34 – ILUSTRAÇÃO DIDÁTICA DE UMA TERMAS PÚBLICA NA ROMA ANTIGA.
FONTE: THE ACHEOLOGY

As Termas combinavam tratamento medicinal e entretenimento, eventos sociais e tratamento físico. Era muito utilizado por soldados que se machucavam em batalhas, que iam as termas para se recuperar física e mentalmente.

A popularidade dos banhos aconteceu na mesma época tanto para gregos quanto romanos, mas a visão dos benefícios do ato de se banhar era diferenciada. Para romanos, o banho era para se manter saudável; enquanto para gregos apenas mulheres deveriam imergir o corpo inteiro na água, era um ato simples de limpeza pessoal antes de conduzir um negócio, ou depois de um dia de trabalho, antes de começar uma discussão filosófica, ou uma batalha.

As casas de banho gregas, romanas e egípcias eram conhecidas como Templos da Beleza, onde foram desenvolvidas muitas terapias de cura e estética.

Europeus e muitas outras culturas se maravilharam com os prazeres das casas de banhos; os turcos desenvolveram termas – banhos de vapor – com estruturas suntuosas e ornamentadas.

O sucesso das casas de banho acabou com as várias pragas, epidemias e doenças que se espalham rapidamente pela água. Os aquedutos eram feitos com chumbo, que depois foi descoberto ser tóxico e nocivo à saúde do homem, causando impotência e esterilidade. Foi atribuída a causa dos problemas de saúde às casas de banho, logo se instituiu que fossem fechados os estabelecimentos.

Muçulmanos também possuíam algumas Termas, onde se podia meditar, orar, ou simplesmente clarear a mente. Era costume ir se lavar antes de ir à mesquita, sendo várias das mesquitas construídas na mesma rua das casas de banho.

O Japão, por sua vez, mostra uma cultura milenar com o costume de banhar-se e a obsessão por limpeza. A busca do espírito por pureza, higiene e rituais de purificação foram essenciais para o desenvolvimento desse costume comum aos japoneses. Não havia distinção de sexos para ser permitida a purificação, diferente dos gregos. Com o desenvolvimento de algumas atividades sexuais, assim como aconteceu nas casas de banho de Roma, foi estabelecida a divisão de sexos nos banhos públicos japoneses.

No final do século XVI ao século XVIII as termas perdem a popularidade no ocidente. As igrejas começam a pregar sobre os pecados e o comodismo daqueles que passavam mais tempo nas casas de banho do que nas igrejas, trabalhando ou cuidando de suas famílias. Existem especulações de que nessa época a quantidade de crianças ilegítimas – nascidas de relações fora do casamento – aumentou substancialmente.

Com o passar do tempo os fiéis começaram a protestar contra os pecados das Termas. Aos cristãos mais devotos, o ato de se banhar torna-se um ato sujo, pecaminoso e, independentemente de higiene pessoal, eles deixavam de tomar banho para provar que eram puros de espírito.

Alguns também passaram a acreditar que a sujeira era uma proteção contra germes responsáveis pela morte de muitos cidadãos na Inglaterra e Europa. Apesar do cheiro, acreditavam que o cheiro do corpo atraía e era excitante. Desenvolveram vários perfumes, cosméticos e usavam várias camadas de roupas para esconder o mau cheiro.

No início de 1800, muitas pessoas começaram a ficar doentes e morrer, levando a uma investigação imediata do motivo das doenças, e se estava conectado as casas que possuíam encanamento para transportar água, e foi descoberto que a água não era o problema, e sim uma parte da cura. Assim a Inglaterra investe em várias pesquisas nessa área e logo se torna líder em tecnologia de banho.

Uma vez que a água foi desmistificada de ser a causadora de doenças, foram desenvolvidos novos tratamentos médicos, e o uso de água prevenia ou curava doenças como tifoide e febre. Banhos públicos voltam à popularidade, spas se espalham por toda a Europa e se tornam tão importantes que a hidroterapia e a cura por águas termais passam a ser ensinada em escolas de medicina. Em vários países europeus é possível se ter uma prescrição médica para ir a uma sessão em um spa para tratamento de algumas doenças em particular.

A popularidade das casas de banho, desde então, só cresceu e atualmente foram adotadas atitudes positivas em relação à cura pela água, usada para se limpar, socializar e recuperar-se. Dessa forma, spas, saunas, banheiras, piscinas, fontes termais/balneários, banhos com minerais ou de enxofre voltam à sua popularidade.

2.2.2. SPA

A definição segundo o dicionário Michaelis para a palavra “spa”:

(ispá) sm (top Spa) Local onde as pessoas se hospedam para fazer dietas e/ou outros tratamentos de saúde, baseados em alimentação balanceada e atividades físicas.

E uma citação do jornalista Rogério Voltan em um artigo publicado no jornal Gazeta do Povo:

Se quando você ouve falar em spa pensa apenas em emagrecimento, comece a rever os seus conceitos. É claro que a maioria dos hóspedes desses locais quer perder alguns ou muitos quilos, mas há quem os procure também para tratar de uma depressão, problemas cardíacos, parar de fumar, desintoxicar ou, simplesmente, relaxar. (VOLTAN, 2012)

A primeira citação se refere ao Spa, como consta no dicionário, a definição tende a um espaço de tratamento para problemas físicos, porém segundo Voltan, o spa abrange muito mais tratamentos, que vão do físico ao psicológico, e não apenas para tratar problemas, mas também para atividades de lazer, relaxamento.

Em sua origem, o spa vem do tratamento ligado a água, como já citado anteriormente, sendo sua sigla: “*sanus per aquam*”. É um espaço para tratamento do corpo e da mente através dos benefícios da água. Com o passar do tempo, alguns dos tratamentos encontrados dentro do spa não ficaram vinculados a atividades que envolvem a água, e além da cura do corpo, também possui função de estética e beleza.

A evolução da sociedade, cada vez mais, traz consigo um estilo de vida estressante, sendo notável o aumento de doenças e transtornos psicológicos.

O spa, hoje, tem uma associação mais direta com funções estéticas. O gama de atividade disponíveis dentro de um spa pode ir desde fazer as unhas ou praticar ioga até massagens, terapias, emagrecimento, fortalecimento do corpo dentre várias outras atividades.

Podemos encontrar spas urbanos, que ficam dentro das cidades, com tratamentos mais curtos, normalmente com horário de funcionamento apenas durante o dia (*day spa*); no caso de permanências mais longas, geralmente o spa se localiza afastado dos centros urbanos.

O interesse por spas tem crescido muito ultimamente, é possível encontrar facilmente revistas e artigos sobre o assunto, e a criação da Associação Brasileira de Clínicas e Spa – ABC Spas – é um exemplo do crescimento do segmento no Brasil.

Com a criação da associação passa a existir uma regulamentação para os vários tipos de spa. As clínicas associadas são fiscalizadas e recebem certificados de qualidade quando merecidos.

Os spas são classificados, segundo a ABC Spas, conforme a destinação e especialidade:

Destinação:

- SPA de Destino: estabelecimento com estrutura de hospedagem e alimentação, com foco integral na promoção do bem estar e qualidade de vida;
- SPA Resort/hotel: estabelecimento independente com estrutura fixa dentro de um hotel ou resort, com serviços de bem estar e qualidade de vida, lazer e entretenimento;
- Day SPA: estabelecimento sem estrutura de hospedagem, normalmente em áreas urbanas, podendo ter estrutura própria ou locado em outras estruturas como shopping centers, centros comerciais ou residenciais;
- SPA Passeio: estabelecimento localizado em estruturas de entretenimento ou transporte, como clubes de campo, campos de golfe, praia, navios, aviões, trens.

Especialização:

- SPA Naturista: estabelecimento com tratamentos baseados na medicina Naturista, como homeopáticas, fitoterapias, acupuntura, dentre outros;

- SPA Médico: estabelecimento com objetivo principal o tratamento primário médico e clínico, com serviço na área de estética médica, terapias e tratamentos complementares;

- SPA Holístico: estabelecimento com tratamentos da Medicina Tradicional;

- SPA Esporte e Aventura: estabelecimento com serviços de lazer e entretenimento, tratamentos com atividades físicas e exercícios direcionados;

- SPA Nutricional: estabelecimento com objetivo principal a orientação nutricional, desintoxicação e reeducação alimentar, e outros serviços terapêuticos.

- SPA Estéticos: estabelecimento com tratamentos estéticos faciais e corporais, com a filosofia de que beleza está aliada a saúde;

- SPA Termal: estabelecimento com tratamentos através de hidroterapias e banhos termias;

- SPA *Wellness*/Bem estar: estabelecimento que disponibiliza tratamentos que proporcionam o bem estar físico, mental e espiritual.

O spa pode oferecer vários tipos de tratamentos, cada um com sua aplicação e benefícios, como a massoterapia – massagem corporal; aromaterapia – tratamento através de aromas, assim como o de incensos e óleos; hidroterapia – tratamento utilizando as propriedades da água, como hidromassagem e banhos termiais.

2.2.3. ONSEN



FIGURA 35 – ONSEN
FONTE: ADINA

De acordo com leis que especificam e regulamentam uma onsen, ela é definida pela água quente ou vapor d'água que nasce da terra tanto natural como artificialmente, através de buracos escavados (FIGURA 35). A temperatura da água tem que ser maior que 25° C. Há exceções, onde a água está numa temperatura inferior e é autorizado ao título de onsen.

2.2.3.1. Histórico Da Onsen

O Japão é um país de grande atividade vulcânica (FIGURA 36), portanto, a onsen tem sido muito utilizada no país, desde a antiguidade, sendo mencionada em lendas e mitologias. Existem escritos históricos que indicam que os antigos samurais das Eras Kamakura e Sengoku - séculos XII a XVII -, iam até a onsen para curar suas feridas de batalhas. Na Era Edo - séculos XVII a XIX - as onsen se espalharam para o conhecimento popular. E na Era Meiji (início do século XX) foram iniciados estudos científicos a respeito dos benefícios das águas de onsen que, na Era Showa - meados do século XX -, foram comprovados.

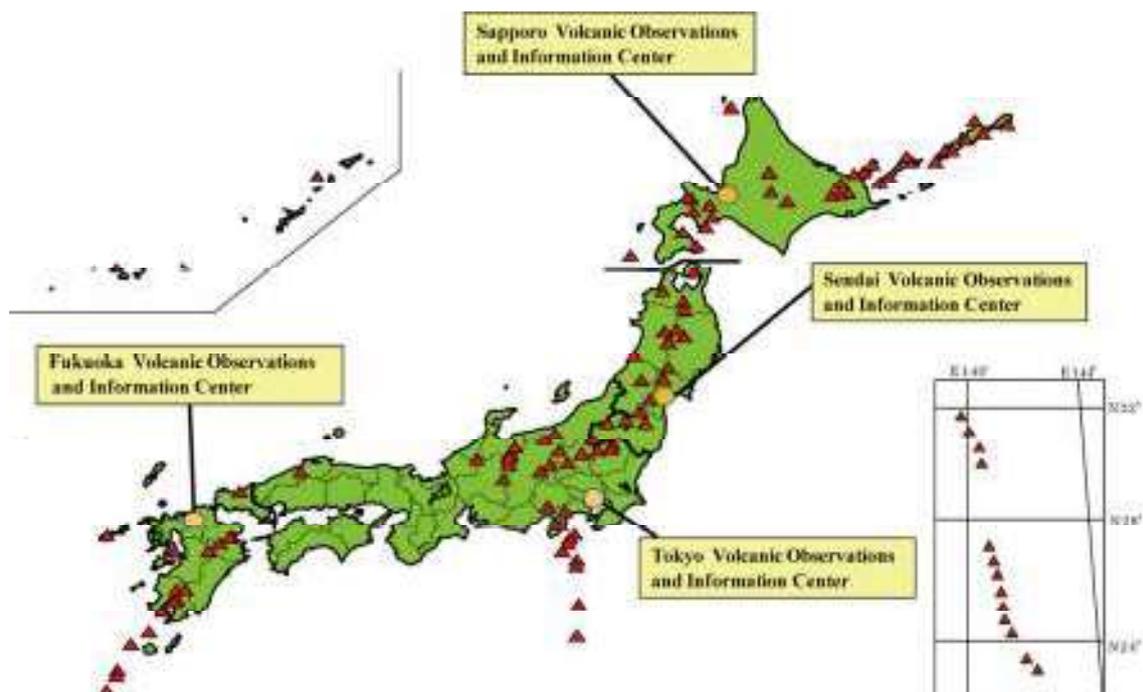


FIGURA 36 – MAPA COM LOCAIS DE ATIVIDADE VULCÂNICA NO JAPÃO
 FONTE: JAPAN METHEOROLOGICAL AGENCY



FIGURA 37 – MAPA COM AS PRINCIPAIS ONSEN DO JAPÃO
 FONTE: TOKYOEZINE

Com o passar dos anos, as onsen tem se tornado cada vez mais populares, e são utilizadas por vários motivos, não apenas para tratamentos medicinais, mas também para reflexão, atividades sociais e lazer.

2.2.3.2. Efeitos da onsen

Os minerais contidos na água de uma *onsen* têm vários efeitos, chamados balneoterapia ou cura pela água quente, pros japoneses é dito *Toji*, efeitos sentidos ao se banhar ou tomar a água com minerais.

Apenas algumas *onsen* permitem que a água seja bebida, em alguns lugares a concentração de minérios é muito grande e se ingerida pode ser venenosa. A água onde acontece o banho não deve ser ingerida.

O descanso em uma *onsen* pode ter diversas finalidades, como se refrescar e recuperar de cansaço, prevenir doenças e manter-se saudável, ou mesmo se recuperar de doenças, como neuralgia, dores musculares, artrite, tensão nos ombros e juntas, paralisia motor, contusão, distensão, mau funcionamento digestivo, má circulação, fadiga, problemas de saúde em geral. A energia térmica estimula o sistema nervoso e o sistema circulatório, a pressão da água ativa as funções cardiopulmonares, os minerais presentes na água são absorvidos pela pele proporcionando vários benefícios. O fato de sair do cotidiano e vivenciar a experiência de novos ares e ambientes com vista para a natureza renova o espírito.

O hotel que administra uma *onsen* é chamado *ryokan*, ele é administrado normalmente por uma *okami*, mulheres que são proprietárias e gerem os *ryokan*, o objetivo de uma *okami* é passar o espírito de hospitalidade a seus visitantes.

Os quartos com estilo tradicional japonês são chamados *wa-shitsu* (FIGURA 38), possuem *tatames* cobrindo o chão, onde não se pode usar nenhum tipo de sapato. Chinelos são providenciados para andar nos locais restantes do estabelecimento. Os locais de banho possuem chinelos

específicos disponibilizados na entrada do banho, sendo que os chinelos não podem ser utilizados em nenhum outro recinto a não ser ali.

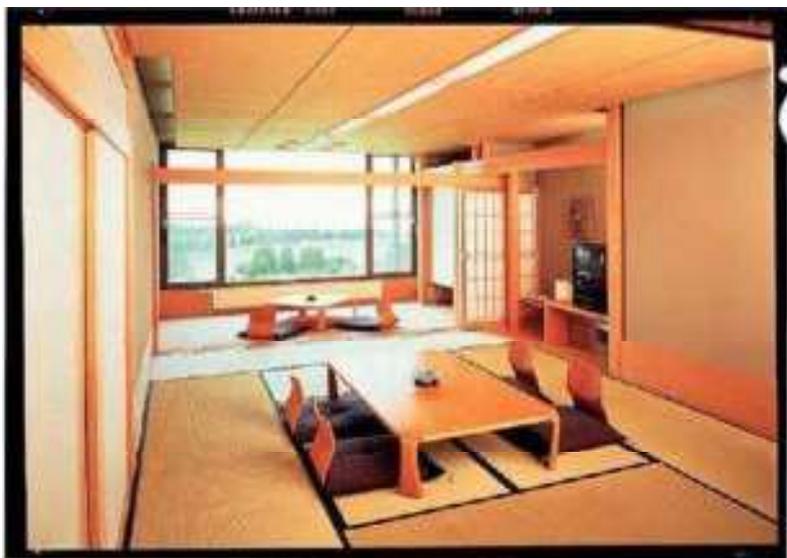


FIGURA 38 – WA-SHITSU, SALA NO ESTILO JAPONÊS
FONTE: ORBITZ

A maior parte das *onsen* possuem banhos separados para homens e mulheres (FIGURA 39), as entradas normalmente são uma do lado da outra. Logo após a entrada tem os vestiários, que possuem armários com fechaduras e cestas para colocar as roupas e pertences.



FIGURA 39 – ENTRADA DO VESTIÁRIO DA ONSEN
FONTE: RAQUEL RIVERA

O banho acontece primeiro num espaço reservado para lavar o corpo, é o momento de usar sabão e produtos para limpeza e purificação do corpo. O espaço possui um local para sentar, bacias para se enxaguar e chuveiros móveis. Após se lavar é preciso se enxaguar muito bem, retirando todo o resquício de sabão ou cremes utilizados antes de entrar na água quente do termas. As águas podem ter de 37° a 42°, sendo necessário cuidado ao adentrar a água, pois leva um tempo para que o corpo se acostume com a temperatura.

Uchi-buro é como são chamados os banhos em espaços fechados, e *roten-buro* é o banho ao ar livre. Banheiras e saunas são consideradas *uchi-buro*, *denki-buro* são banheiras elétricas, que permitem o efeito de uma boa massagem.

A maioria das *onsen* não permite o uso de roupas de banho enquanto se usa as fontes termais, é permitida a entrada com uma pequena toalha, mas ela não deve ser colocada na água, é indicado que se coloque ela sobre a cabeça, o que ajuda a evitar que o sangue suba a cabeça. O cabelo deve estar preso para que não caiam fios na água.

3. ESTUDO DE CASO

Foram abordados vários temas e então escolhidos quatro obras existentes para ajudarem na compreensão do que será proposto nesse trabalho. Dentre as obras, teremos a abordagem de dois projetos no Japão, ambos se tratam de uma renovação em antigas e históricas *onsen*, mas com abordagens diferentes. O projeto do Arquiteto Kengo Kuma, Ginzan Onsen Fujiya tem o intuito de reavivar o edifício, sem comprometer a unidade existente com os outros hotéis no entorno, enquanto a Yomogino Ryokan Hot Spa – uma casa de banho pública, projeto de Ryuichi Sasaki, se recupera de um desastre, que foi o terremoto de 2011, com charme e estilo, se destacando nas montanhas de Yomogino.

Outro projeto apresentado nesse trabalho se trata de uma obra de grande reconhecimento do renomado arquiteto Peter Zumthor, que com esmero cria um spa que modifica a forma de ver e sentir o espaço do existente hotel nas fontes termais de Graubungen, Suíça, que passava por problemas econômicos e consegue se recuperar ao investir no turismo do local.

Será explorado também um exemplo nacional, a Pousada Capim do Mato, projeto de Andrea Schettino, um spa em Minas Gerais, próximo a Belo Horizonte, que foi recentemente restaurado e possui um requinte e rusticidade característicos, uma união entre as “brasilidades” e a marca europeia L’Occitane de la Provence, patrocinadora do projeto.

3.1. ESTUDO DE CASO 1 – GIZAN ONSEN FUJIYA



FIGURA 40 - FACHADA GINZAN ONSEN FUJIYA
FONTE: BENOIST SÉBIRE

A *onsen*, termo japonês que se refere a águas termais acima de 25 graus Celsius, se localiza em um vale estreito de Yamagata (FIGURA 43), na parte norte de Honshuu, é uma tradicional pousada de águas quentes do Japão com mais de 100 anos. Projeto do renomado arquiteto Kengo Kuma e seus associados, que apesar de demonstrar grande irreverência em seus projetos, como a casa de chá inflável (FIGURA 41), esse projeto demonstra uma sobriedade sem perder seu charme, sendo ao mesmo tempo radical e sutil, não causando grande impacto com o entorno quando vista do exterior por manter a fachada tradicional existente, mas impressionando com suas camadas de finas tiras de bambu e vidro vistas em seu interior.



FIGURA 41 - CASA DE CHÁ INFLÁVEL DE KENGO KUMA
FONTE: E-ARCHITECT



FIGURA 42 - MAPA DO JAPÃO, LOCALIZANDO A GINZAN ONSEN FUJIYA
 FONTE: GOOGLE MAPS

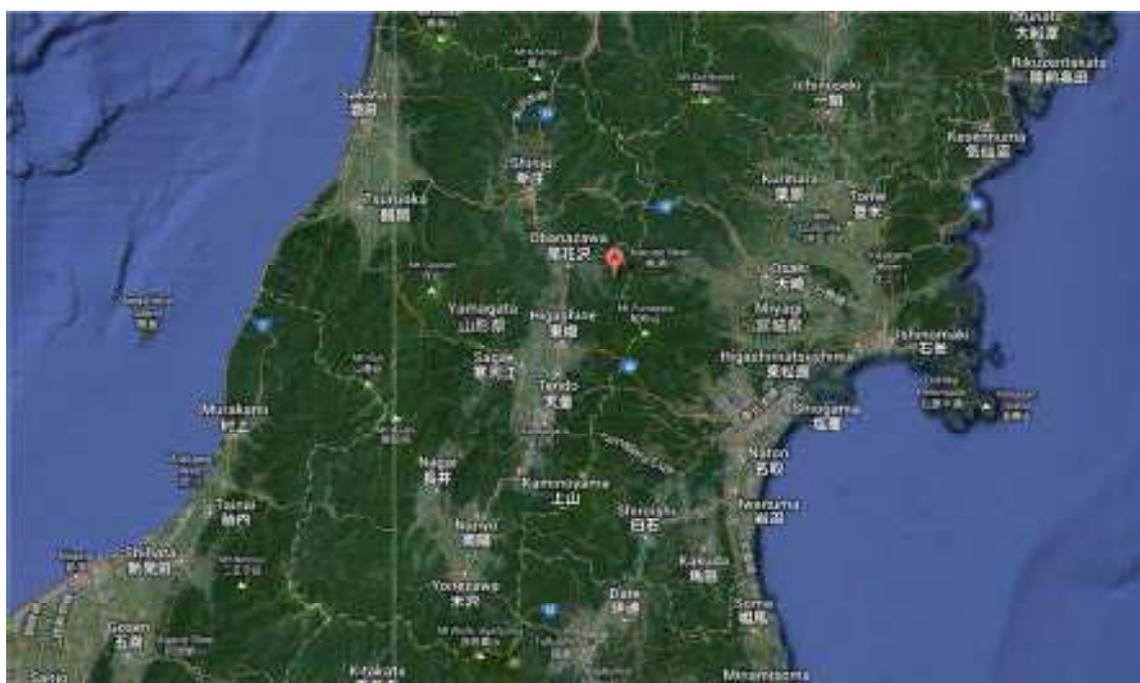


FIGURA 43 – MAPA DE YAMAGATA, LOCALIZANDO A GINZAN ONSEN FUJIYA
 FONTE: GOOGLE MAPS

Na região em que o hotel se localiza costuma nevar, tendo ao seu redor outras 13 instalações que, assim como o Fujiya, também estão voltadas para o rio Ginzan (FIGURA 44). O local possui uma fama de tradicional e atrai muitos turistas e programas televisivos; a série popular japonesa *Oshin* foi gravada ali, então o projeto não poderia se destacar em relação aos outros hotéis do entorno.



FIGURA 44 - FACHADA GINZAN ONSEN FUJIYA, JUNTAMENTE COM AS OUTRAS ONSEN DO ENTORNO, MARGEANDO O RIO GINZAN
FONTE: DAICI ANO

Nós queríamos manter a continuidade da antiga fachada enquanto introduzíamos um novo espírito e encantos modernos. (KUMA, 2007)

Kuma remodelou a fachada tradicional mantendo algumas partes (FIGURA 45), e modificou algumas partes utilizando peças de madeira novas e antigas. Manteve o formato original da fachada, mas com janelas maiores estruturadas em madeira e uma entrada com painéis de vidro que se abrem. O arquiteto explica que essa entrada foi pensada para conectar o exterior com o interior, a rua com o lobby de entrada (FIGURA 46), dando assim um novo caráter de transparência.



FIGURA 45 – FACHADA REMODELADA, COM ESTRUTURAS DE BAMBU E JANELAS MAIORES
FONTE: DAICI ANO

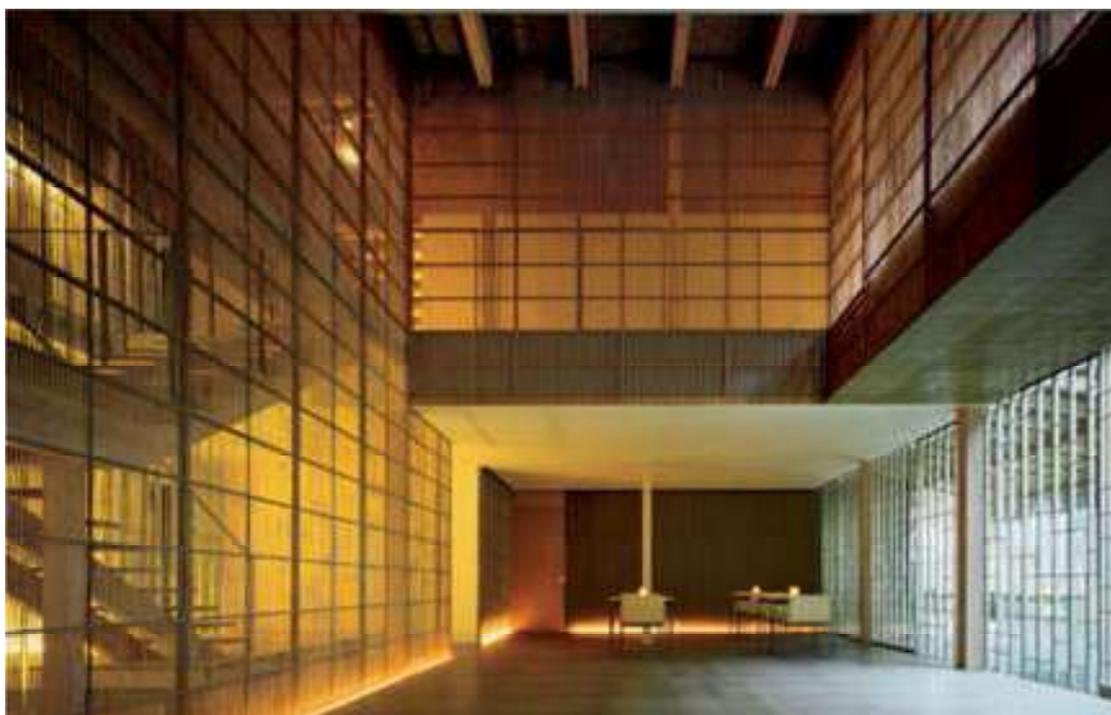


FIGURA 46 – LOBBY DE ENTRADA
FONTE: DAICI ANO

Atravessando um beiral de madeiras inclinadas e atrás de um par de espelhos d'água, os painéis de entrada revelam uma materialidade que escondem sutilmente o encontro e fusão entre o design de épocas distintas. Nesses painéis temos vitrais translúcidos, chamados *Dalle de Verre* – usados pela primeira vez na era Medieval – com estrutura metálica que deixam o átrio com um visual ligeiramente manchado em azul esverdeado, criando um aspecto mais aquoso ao ambiente. O átrio de entrada possui pé-direito duplo, ao contrário do comum em hotéis desse estilo no Japão, maravilhando os hóspedes que adentram o espaço, fazendo o uso de mobiliário moderno, desenhados pelo próprio arquiteto com uma simplicidade inspirada no espírito Zen.

É uma tradição japonesa compor espaços com camadas de painéis, mas Kuma utiliza essa tradição de uma forma diferente, criando um espaço cenográfico com uma sequência de entradas que parecem véus feitas de ripas de bambu com 4 milímetros de espessura, contornando o átrio de entrada juntamente com os *dalle de verre*, revelando uma escada que corta a continuidade na parte de trás do edifício. As escadas internas possuem uma leveza estrutural que faz com que pareça que desafiam a gravidade (FIGURA 47).



FIGURA 47 – ESCADA
FONTE: DAICI ANO

Na renovação do projeto de 10.000 m², o arquiteto reduz o número de quarto de hóspedes de 12 para 8, fazendo deles maiores e dando a cada um deles um pequeno local para banho privado. O projeto comporta aproximadamente 16 hóspedes, tendo cada quarto 2 ou, no máximo, 3 pessoas. Os quartos foram projetados com as proporções de um quarto moderno (FIGURA 48 A 50), com espaços generosos e os envolve com materiais tradicionais. A mobília original foi em sua maioria substituída por uma nova de design do próprio arquiteto, que enfoca na essência dos materiais e um minimalismo de desenho (FIGURA 51).



FIGURA 48 – INTERIOR DO QUARTO
FONTE: DAICI ANO



FIGURA 49 – INTERIOR DO QUARTO
FONTE: BENOIST SÉBIRE



FIGURA 50 – INTERIOR DO QUARTO
FONTE: DAICI ANO



FIGURA 51 – MOBILIÁRIO MINIMALISTA, DE KENGO KUMA
FONTE: DAICI ANO

No interior é utilizado um papel feito artesanalmente, *Echizen-tesuki*, que tem uma superfície heterogênea de respingos de água borrifados no papel durante sua fabricação, papel utilizado em várias paredes e divisórias do interior do hotel (FIGURA 52).



FIGURA 52 – INTERIOR DE BANHO PRIVADO
FONTE: DAICI ANO

Para cada uma das fontes é utilizada uma variedade de materiais; bambu em um (FIGURA 53), *hinoki* – enfeite tradicional japonês – em outro, e *sanseikuro* - granito chinês, com uma textura granulada semelhante a da madeira - num terceiro. O arquiteto Kengo Kuma se aproveita ao máximo da iluminação natural em seu projeto, fazendo uso de superfícies leitosas em locais de banho privado, assim como as vedações em papel de arroz feitas tradicionalmente em residências japonesas, dando um movimento ao local, com mudanças sutis de iluminação conforme o passar do dia.

A luz do sol é muito importante, ela aflora a materialidade. (KUMA, 2007)



FIGURA 53 – BANHEIRA COM TEMÁTICA DE BAMBU
FONTE: BENOIST SÉBIRE

Kuma faz o uso de luz solar e também luzes halogênicas em espaços na ligação do chão com as paredes (FIGURA 54), atenuando o ambiente e acentuando os materiais utilizados nas áreas de banhos comuns.



FIGURA 54 – INTERIOR DE BANHO PRIVADO, COM ILUMINAÇÃO ARTIFICIAL
FONTE: DAICI ANO

A organização espacial concentra no térreo principalmente as áreas comuns, como o lobby de entrada, um café, a cozinha e áreas administrativas. No segundo e terceiro pavimentos temos os quartos com áreas de varanda e espaços como salas de jantar. As circulações acontecem principalmente na face contrária a da fachada principal, que é voltada ao norte, mantendo a vista do rio Ginzan e da rua para áreas de quarto.



FIGURA 55 – PLANTAS E CORTE ESQUEMÁTICO DO PROJETO GINZAN ONSEN FUJIYA.

1. LOBBY / 2. CAFÉ / 3. APOIO / 4. BANHO PÚBLICO COM VESTIÁRIO / 5. QUARTO / 6. VARANDA / 7. SALA DE JANTAR.

FONTE: ARCHITECTURAL RECORD

O projeto todo incorpora o moderno e o tradicional, de forma sutil Kuma aplica releituras no interior de um espaço com uma tradição marcante. Em seus projetos, Kengo Kuma normalmente une o moderno e o antigo de forma mais metafórica, no caso do hotel Fujiya, essa união é claramente vista, com um tom mais literal. Os donos do Hotel se dizem muito satisfeitos, Atsushi Fuji e sua esposa Jeanie, americana que treinou para absorver as tradições e se tornar uma *okami* - tradicional gerente feminina de *onsen*.

3.2. ESTUDO DE CASO 2 – TERMAS DE VALS



FIGURA 56 – MAPA DA EUROPA LOCANDO AS TERMAS DE VALS
FONTE: GOOGLE MAPS

Obra de Peter Zumthor, as termas estão nas fontes termais do Cantão de Grisões (Graubünden), na Suíça, próximo à fonte de água quente natural Saint Peters, águas ricas em cálcio, sulfato, hidrogênio, carbonato e ferro, o que atribui ao local características terapêuticas únicas a um cenário deslumbrante de montanhas e neve.

Inaugurado em 1996, o projeto de Zumthor integra os spas/saunas ao já existente complexo do hotel, que passava por crises e mudanças de donos, sendo então decidido que seria explorado o potencial hídrico local tornando-o um ponto turístico e reavivando a economia que estava em decadência. Após dois anos de sua conclusão o edifício já foi considerado patrimônio histórico. A estrutura foi projetada com a conotação de caverna ou pedreira, trabalhando o entorno natural, onde metade das saunas está enterrada na costa sob um teto verde. As termas estão construídas a partir de camada sobre camada de quartzito de Vals, mineral que serviu de inspiração para o arquiteto.

O projeto estimula a interação do corpo num total, criando uma experiência que pode ser vivida apenas ao experimentar o espaço, conceito bastante explorado também pelos japoneses. As superfícies de água (FIGURA 57) refletem o som, gerando um elemento acústico que agrega personalidade ao edifício, quase como se ele pudesse “falar”.

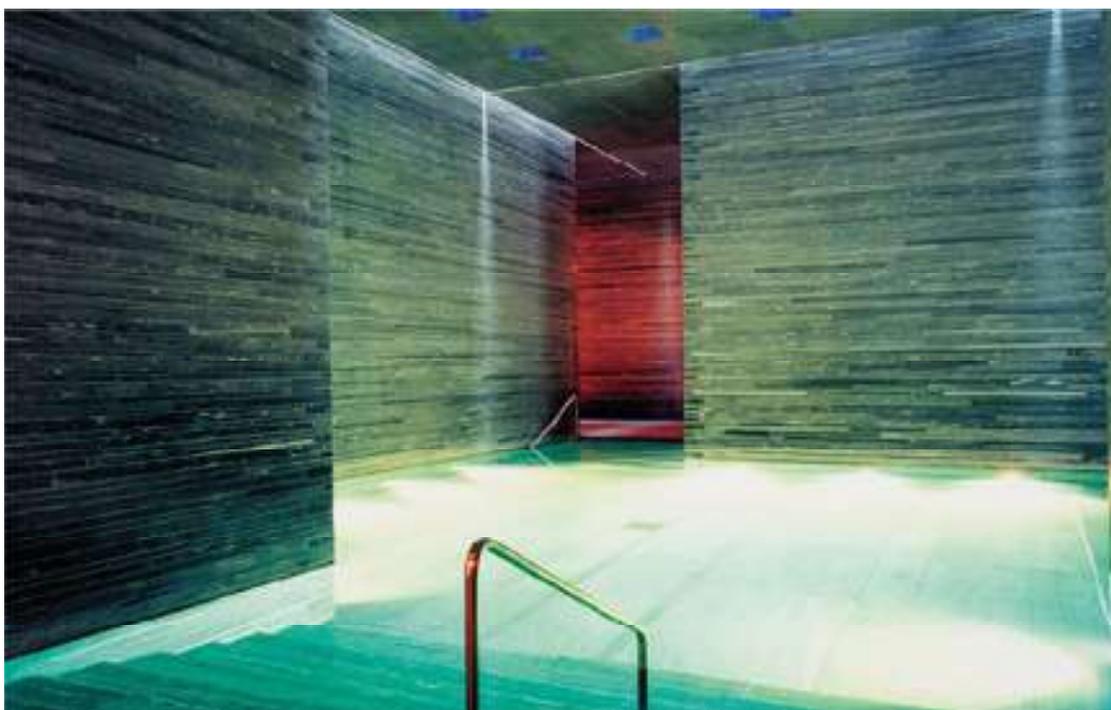


FIGURA 57 – TERMAS PARA BANHO PÚBLICO, SUPERFÍCIES DE ÁGUA QUE REFLETEM O SOM
FONTE: ARCHDAILY

A partir de uma composição geométrica de cinco retângulos sobrepostos (FIGURA 58) o arquiteto define um nível diferenciado de acesso a partir de dois retângulos. Então são escalonados retângulos menores delimitando espaços abertos e fechados, cheios e vazios que estruturam o projeto e definem área de circulação e de estar.

PROCESSO PROJETUAL

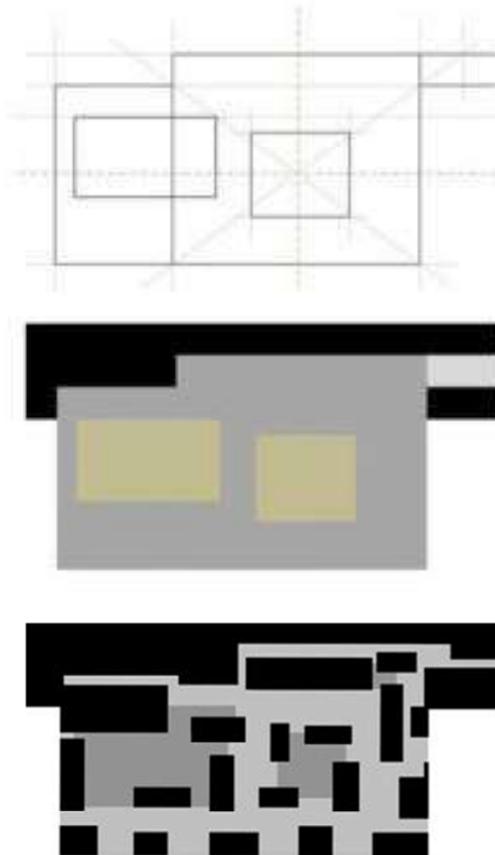


FIGURA 58 – DIAGRAMA DO PROCESSO PROJETUAL DE PETER ZUMTHOR NA DISPOSIÇÃO DO SPA
 FONTE: ARQUITETONICO

A estrutura é de concreto armado com “treliças” de cabos de aço ligados no pilar central segurando as placas em balanço, o pilar é oculto por uma camada de concreto. A distância entre cada bloco de concreto é de oito centímetros (FIGURA 59), permitindo que passe a luz natural, assim os ambientes internos possuem, além do som, uma sensorialidade complementada pela iluminação natural nos espaços de convivência e descanso.



FIGURA 59 – INTERIOR DO SPA, VISUALIZAÇÃO DA ABERTURA PELO DISTANCIAMENTO DOS BLOCOS DE CONCRETO
FONTE: ARCHDAILY

O acesso às termas acontece apenas pelo interior do hotel a partir de um pequeno corredor se chega a áreas amplas, instigando a sensorialidade através das diferenças de escala ao mudar do hotel para as termas.

A disposição espacial do projeto concentra no pavimento térreo (FIGURA 60) áreas de uso comum, se aproveitando da verticalização para criar graduações de privacidade. No pavimento superior (FIGURA 61) os ambientes possuem um uso mais privado ou áreas de acesso restrito como áreas de serviço que atendem os outros pavimentos.



FIGURA 60 – DIAGRAMA DA PLANTA DE ACESSO DO SPA
 FONTE: ARQUITETONICO

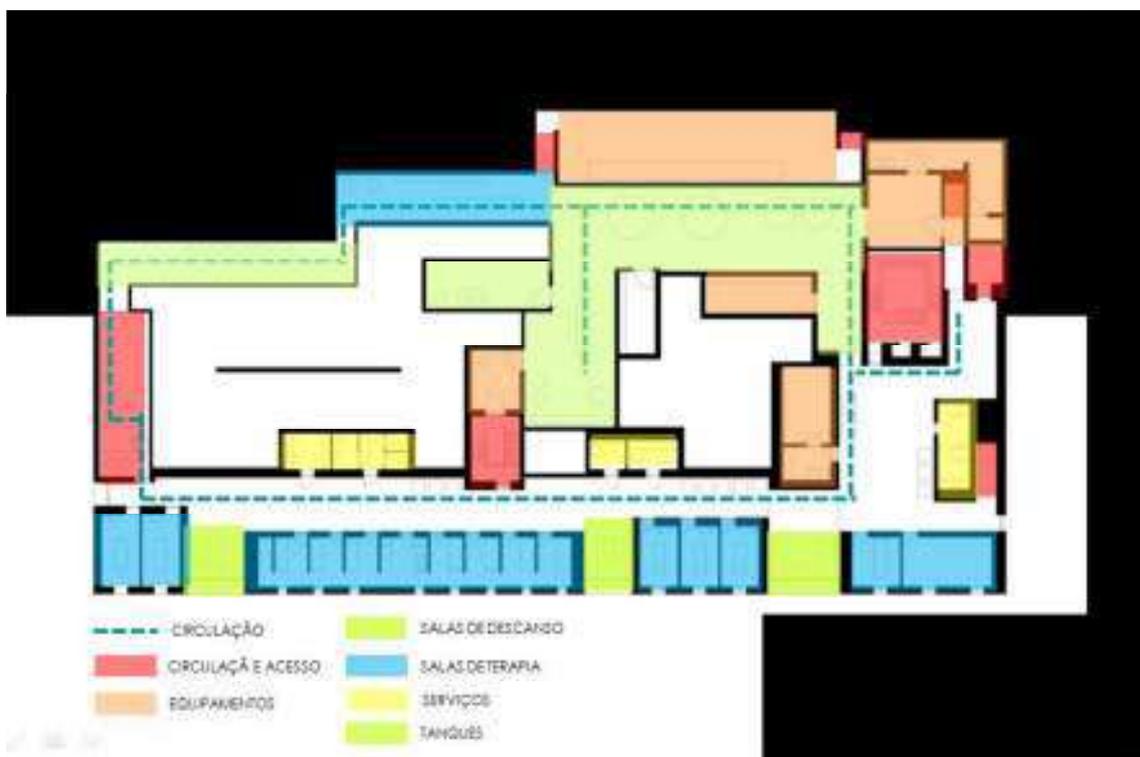


FIGURA 61 – DIAGRAMA DA PLANTA DO PAVIMENTO SUPERIOR DO SPA
 FONTE: ARQUITETONICO

No pavimento técnico (FIGURA 62) estão áreas de acesso restrito aos visitantes das termas ou salas de terapias exclusivas, mantendo a transição do público ao restrito de forma organizada e racional.

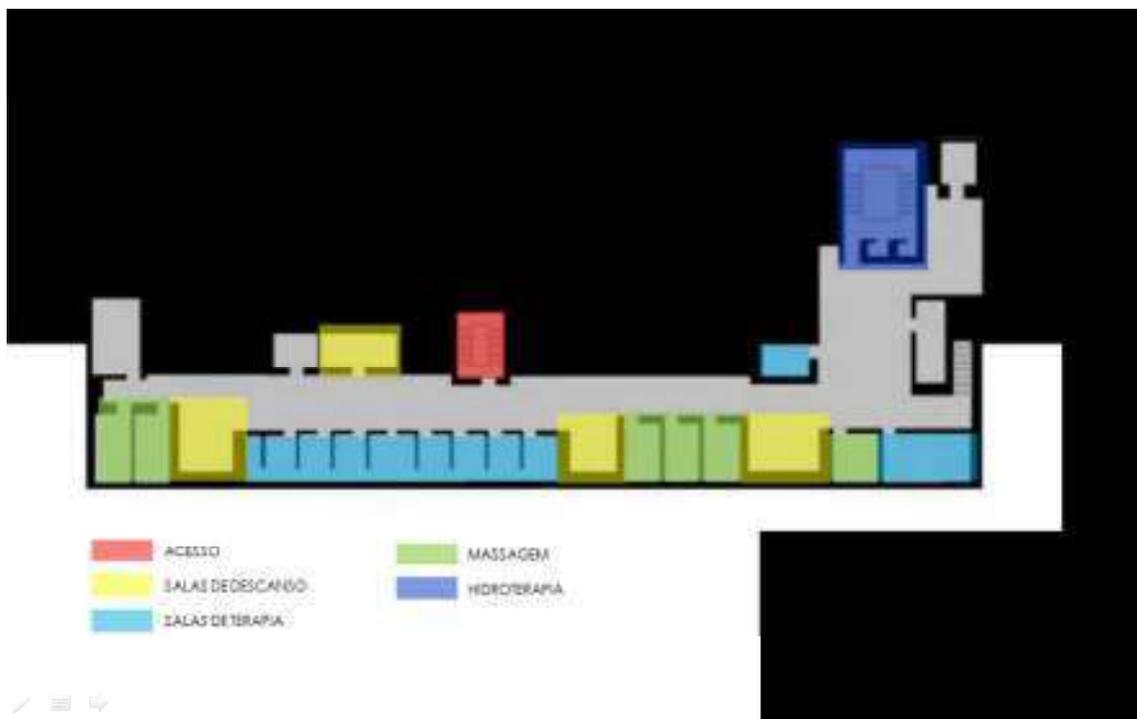


FIGURA 62 – DIAGRAMA DA PLANTA DO PAVIMENTO TÉCNICO DO SPA
 FONTE: ARQUITETONICO

Red Restauran, Blue Lounge, as 40 Temporaries e os 20 Stucco Rooms todos possuem a assinatura de Zumthor, espaços pertencentes à estrutura do spa, que associam o antigo e o novo, misturando o novo e a construção antiga. As Temporaries permitem fácil acesso às fontes termais, com mobiliário preto laqueado com design do próprio arquiteto, cada quarto possui um diferencial, carpetes coloridos kilim ou gabbeth, mobílias clássicas de Eileen Gray do século XX, Mies Van der Rohe, Le Corbusier e Jasper Morrison, com cortinas de pura seda em cada quarto, com cores diferenciadas acompanhando a cor dos tapetes, todos os quartos possuem uma varanda com vista para as montanhas. Os Stucco Rooms possuem o dobro do tamanho padrão e quartos com duas camas, possuem cores vivas nas paredes de cada quarto, o piso é de madeira escura, também possuem varandas em cada quarto.

Peter Zumthor em seu livro menciona um excerto de partitura de autoria de John Cage (FIGURA 63) como inspiração para esse projeto, que utiliza a sonoridade como partido forte na concepção de salas com concentração de sons ou a ausência deles, fazendo do som um gerador de espaços.



FIGURA 63 – EXCERTO DA PARTITURA DE JOHN CAGE
FONTE: ARQUITETONICO

(...) Semiliteras: parte da partitura do compositor norte-americano John Cage mostra a estrutura de um acontecimento musical no eixo temporal de uma notação: ritmos, compressões, intensidades. (ZUMTHOR, 2007)

Zumthor mostra nesse projeto um cuidado extremo com detalhes, desde a escolha de materiais, os metais utilizados, os revestimentos, as cores utilizadas nos ambientes, tudo para aguçar os sentidos. Um projeto que não se repete, assim como os projetos assimétricos dos japoneses, é necessário experimentar o ambiente, passar por ele, sentir a arquitetura projetada com as varias possibilidades sensíveis-cognitivas, explorando cada detalhe, cada abertura. É um exemplo de arquitetura feita para pessoas, capaz de provocar quem se dispuser a experimentá-la, em caso de ausência do observador/usuário não teria o mesmo impacto.

3.3. ESTUDO DE CASO 3 – POUSADA CAPIM DO MATO

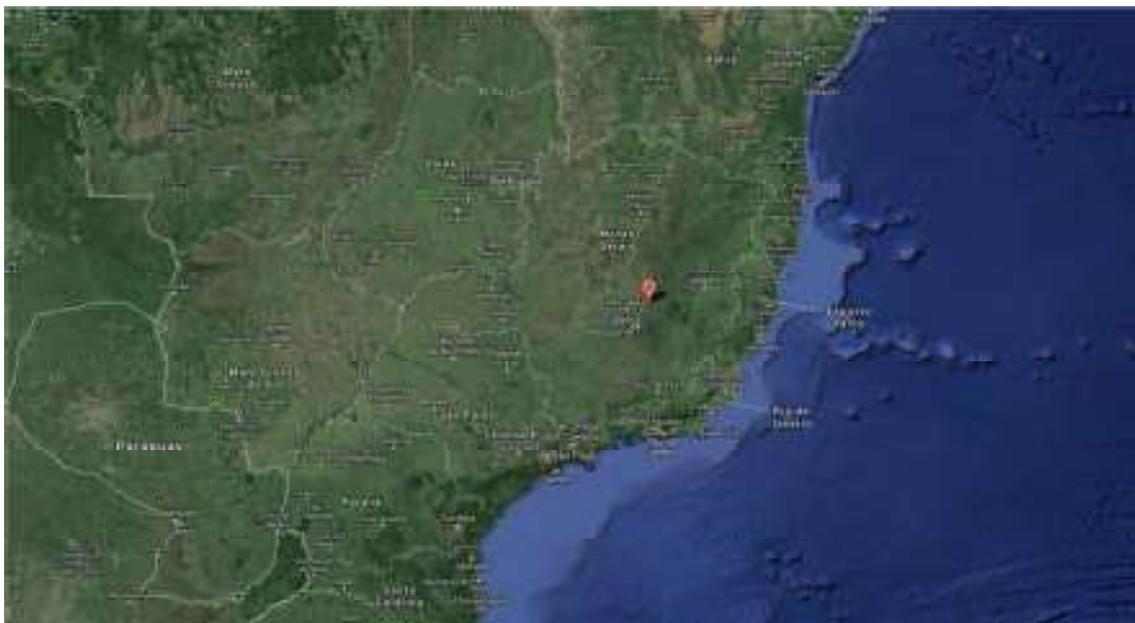


FIGURA 64 – LOCALIZAÇÃO DA POUSADA EM MINAS GERAIS
FONTE: GOOGLE MAPS

Inaugurado em 2005, o spa localizado em Minas Gerais (FIGURA 64), a 90 km de Belo Horizonte, é um spa no Parque Nacional da Serra do Cipó, que oferece aos visitantes um local para repouso, um retiro do estresse diário, uma chance de desacelerar e apreciar a bela paisagem (FIGURA 65) com a simplicidade de vida oferecida pela natureza.



FIGURA 65 – VISTA DA POUSADA
FONTE: JOANA GONTIJO

Inicialmente o terreno era uma casa de campo e há nove anos funcionava como a pousada boutique Capim do Mato, e depois de anexado o spa, totaliza uma área de 3,5 hectares de mata preservada. O spa, que tem aproximadamente 500 m², se adequa ao relevo acidentado e exibe uma vista exuberante da serra. A construção teve patrocínio da L'Occitane en Provence, sendo os tratamentos disponíveis no estabelecimentos realizados com os produtos da marca francesa.

A arquiteta Andrea Schettino, criadora do projeto, afirma:

A opção pela localização foi para aproveitar a melhor vista, em um terreno afastado da rua, mas não muito longe e nem tão alto, de forma a valorizar o panorama para as montanhas. A inclinação do terreno foi usada sem muro de arrimo, tirando partido das camadas naturais do solo. Houve também uma preocupação em escolher uma área que não tivesse árvores de grande porte que poderiam ser derrubadas, e a vegetação original foi mantida. (Schettino, 2013)

A arquiteta discursa sobre a utilização de ideias sustentáveis na concepção do projeto, utilizando matéria-prima e mão-de-obra local, sendo que o material transportado ao local da construção foi feito todo por homens, sem utilização de maquinários que pudessem poluir ou devastar o ambiente. Faz uso também das novas tecnologias atuais, como o ecotelhado, ecoblock e o ar condicionado inteligente (que tem uma economia de aproximadamente 44% em relação aos outros modelos convencionais), a construção possui estrutura com madeiras de reflorestamento e biosintética, além de sistema de aquecimento solar, aproveitamento de águas pluviais, iluminação natural, coleta seletiva e reciclagem, iluminação com luminárias de LED e lâmpadas fluorescentes. Foram instalados equipamentos economizadores nos vestiários de funcionários e hóspedes, como válvulas de descarga com fluxo duplo, e utilizam lençóis e toalhas de tecido, o que evita os materiais descartáveis.



FIGURA 66 – COBERTURA FEITA COM GRAVETOS
FONTE JOANA GONTIJO

Na construção foram utilizadas colunas de eucalipto como estrutura visível, e a cobertura de escadas e vestiário é uma composição de gravetos (FIGURA 66), que segundo Schettino, são sobras do próprio cerrado que foram reaproveitados. Na construção foram usados vários materiais naturais como pedra e cimento natado cru, em cor original, visando baixo custo de compra e instalação e de boa durabilidade, demanda pouca manutenção.

A decisão de manter o cimento em sua tonalidade verdadeira, sem pintura, passa pelo propósito de integrar ainda mais o imóvel com o entorno. Avistado de longe, o cinza do concreto se funde ao verde da mata, e deixa o spa quase que invisível. (SCHETTINO, 2013)

Os espaços internos de recepção, salas de espera, de tratamento e descanso possuem grandes aberturas de vidro, que permite uma ligação entre interior e exterior, ligando os espaços internos a natureza do entorno. Em áreas de relaxamento as janelas são baixas (FIGURA 67), que permitem ao hospede uma vista ao exterior, mas mantendo a privacidade. Cada janela foi projetada

conforme a vista do local, com o intuito de aproveitar ao máximo a luz solar, afirma a arquiteta (FIGURA 68).



FIGURA 67 – ESPAÇO PARA BANHO COM A JANELA BAIXA
FONTE JOANA GONTIJO



FIGURA 68 – SALA DE ESPERA, JANELA AMPLA PARA APROVEITAMENTO DA LUZ
SOLAR
FONTE JOANA GONTIJO

O espaço projetado inclui uma piscina climatizada de borda infinita (FIGURA 69) e suspensa ao ar livre, salas de banho em *ofurô* (FIGURA 70) e hidromassagem, salas de massagem, deck com chaises, salas para repouso, vestiários e uma boutique com produtos e fragrâncias que foram utilizadas durante o tratamento realizado aos hóspedes. Logo abaixo da piscina suspensa encontra-se uma parede com elementos vegetais em vasos, compostos por espécies comuns na região.



FIGURA 69 – PISCINA COM BORDA INFINITA
FONTE JOANA GONTIJO



FIGURA 70 – OFURÔ
FONTE JOANA GONTIJO

Na decoração do interior a arquiteto optou por elementos mais rústicos, valorizando o artesanato indígena e nacional, utilizando vários elementos regionais que caracterizam os traços de Minas Gerais que, segundo o proprietário do local, Moreno Belisário, confere um conceito de “brasilidade”. Esses elementos caracterizam como regional o projeto, apesar de ter sido patrocinado por uma empresa francesa. Exemplos de elementos que fazem parte do design interno do spa são adornos vindos de tribos do norte de Minas, tapetes de tear e de palha, cortinas do mercado central de Belo Horizonte, garrafas de vidro soprado, luminárias de corda e algumas de pvc, lustres feitos com balaios, arandelas de tocos de eucalipto, esses e outros mesclados a itens importados. O mobiliário inclui sofás de alvenaria com tecidos de linho cru e peças de marcenaria.



FIGURA 71 – MOBILIÁRIO E DECORAÇÃO COM CARACTERÍSTICAS LOCAIS
FONTE JOANA GONTIJO

O estudo da psicodinâmica das cores delineou a especificação de uma paleta em tons suaves e mais naturais, como o fendi e o cinza, remetendo a tranquilidade, acolhimento e autoestima, pontuando tonalidades mais intensas em detalhes, como nas pastilhas dos banheiros, vermelhas e verdes, e em alguns objetos decorativos. (SCHETTINO, 2013)

Como paisagismo não foi modificado muito do entorno, a maior parte da natureza foi mantida intacta.

O capim e a alfazema são únicos, possuem uma textura e cores que encantam a todos. Essa beleza natural esplêndida é nossa forte aliada para promovermos os momentos de descanso e revitalização que os turistas tanto buscam. (BELISSÁRIO, 2013)

O projeto vencedor de dois prêmios de arquitetura – o Olga Krell de Decoração e o Deca Interiores – demonstra uma miscigenação de elegância e estilo, um luxo simples, casual e despretenso, comprometido com o meio ambiente, mesclando arquitetura e natureza. As instalações contam com nove acomodações, entre bangalôs de luxo, chalés e apartamentos, além de duas piscinas, uma sauna e espaços com chaises para descanso.

O spa possui vários tratamentos especializados de bem-estar, exclusivos para hóspedes, tratamentos corporais e faciais, hidroterapias e aromacologia (terapias por meio dos aromas), a partir dos mesmos protocolos utilizados pela multinacional francesa em suas outras afiliadas espalhadas por todo o planeta.

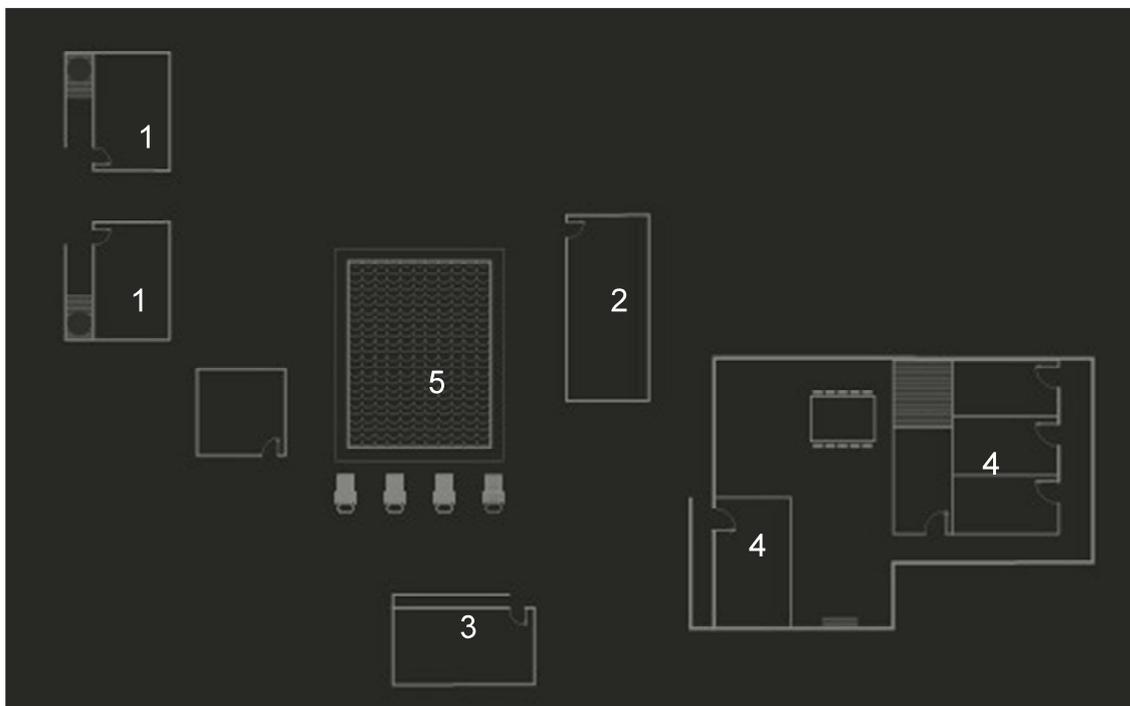


FIGURA 72 – IMPLANTAÇÃO DAS ESTRUTURAS DA POUSADA. 1. Bangalô Luxo / 2. Chalé / 3. Bangalô / 4. Apartamentos / 5. Piscina
FONTE: CAPIM DO MATO

3.4. ESTUDO DE CASO 4 – YOMOGINO RYOKAN HOT SPA

Após o terremoto na costa do Pacífico de Tohoku em março de 2011 o Yomogino Ryokan (no estilo japonês), em Fukushima, Japão (FIGURA 73), sofreu vários danos, que levou a decisão de renovar o espaço; a renovação foi inaugurada 5 meses após o desastre, em 11 de agosto, essa data foi estabelecida no início de maio, fazendo com que o tempo fosse limitado, sendo assim todos os reparos não foram finalizados a tempo. Os banhos termais em Hanare no Yado Tomogino possuem 800 anos de história. Além do terremoto também houve o risco de radiação, resultado do desastre de 2011 igualmente.

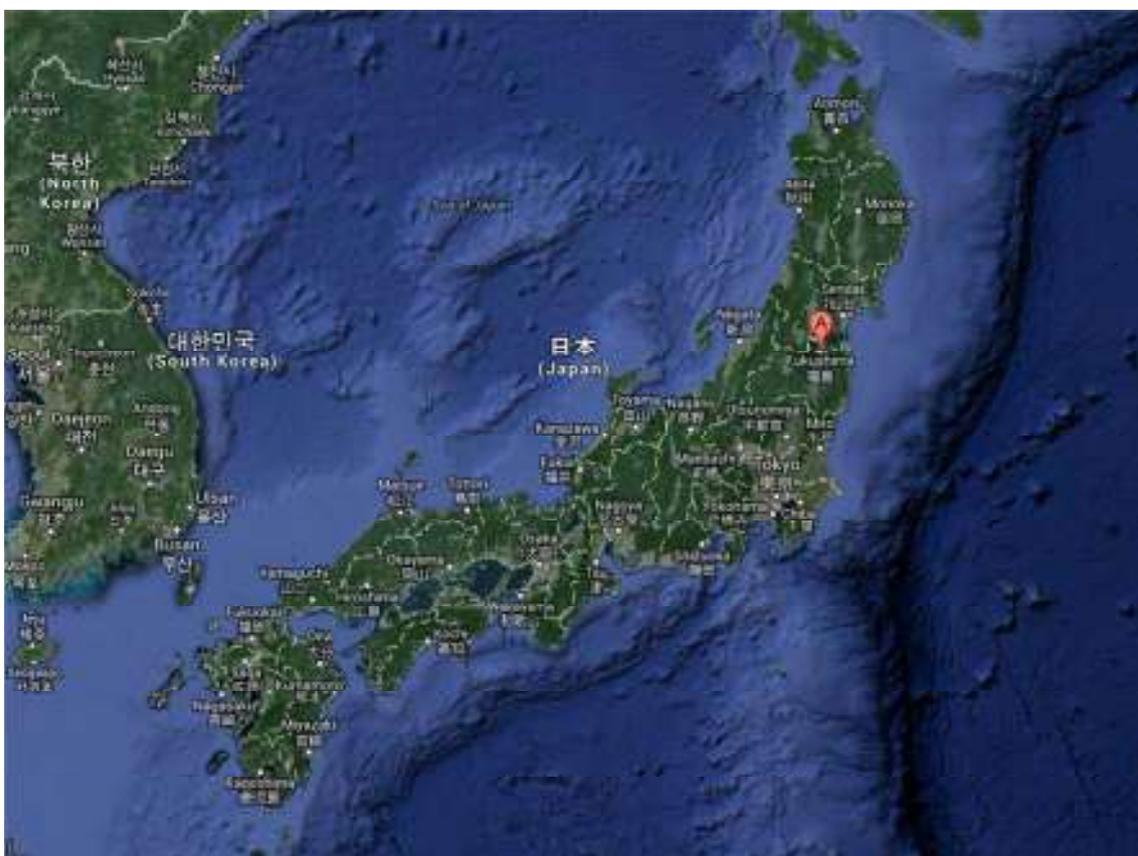


FIGURA 73 – MAPA DE FUKUSHIMA, JAPÃO.
FONTE: GOOGLE MAPS

O projeto, de autoria de Ryuichi Sasaki e seus associados, Sasaki Architecture, foi concluído em 2011, e utiliza em sua estrutura concreto e aço, e materiais como metal (alumínio) e vidro. Foi indicado entre o “Best 100” no JDC Design Awards. A ideia do projeto para os donos da propriedade era de não

apenas reparar danos, mas acrescentar um diferencial que caracterizasse o local, diferenciando-o dos outros na mesma região.

Sua implantação é voltada para a montanha Yomogi em Fukushima, com uma bela vista do passar das quatro estações, movimento importante no ponto de vista da disposição espacial arquitetônica japonesa. Os vários edifícios também ali localizados, Ryokan (hotéis/pousada japoneses), preservam essa vista. Além dos grandes locais para banho previstos, as instalações incluíam um hotel no estilo japonês, locado com uma bela vista ao ambiente natural das montanhas de Yomogi.

Nós decidimos nos focar em criar um local onde os visitantes pudessem relaxar e aproveitar um tempo longe de suas rotinas diárias. (SASAKI, 2011)

As grandes aberturas em vidro (FIGURA 74) permitem que a montanha e topos de telhados vizinhos sejam refletidos na superfície das águas do spa termal, como um grande quadro no interior do espaço, levando a beleza da natureza do entorno para dentro do hotel.



FIGURA 74 – ABERTURA DE VIDRO, REFLETINDO O ENTORNO
FONTE: RYUICHI SASAKI

Enquanto ambos ambientes exterior e interior são diretamente visíveis, eles também são refletidos na superfície da água, criando uma sensação de

estar flutuando ou de estar dentro de uma ilusão. É um espaço surreal que faz com que você quase se sinta um pouco bêbado. (SASAKI, 2011)

O material utilizado no teto e paredes consiste em painéis de alumínio na cor bronze (FIGURA 75). O projeto inicial tencionava usar *hinoki* - cipreste japonês -, mas após considerar as dimensões de altura do teto, que pode chegar a 4 metros em alguns pontos, e a necessidade de manutenção, devido aos minerais exalados das fontes termais, foi escolhido o alumínio com tratamento específico para resistir as intempéries. Para o arquiteto, a coloração do alumínio colaborou para dar um sentimento de transparência ao ambiente. O teto é formado com cinco coberturas que se deslocam permitindo uma iluminação indireta a partir dos intervalos entre coberturas.

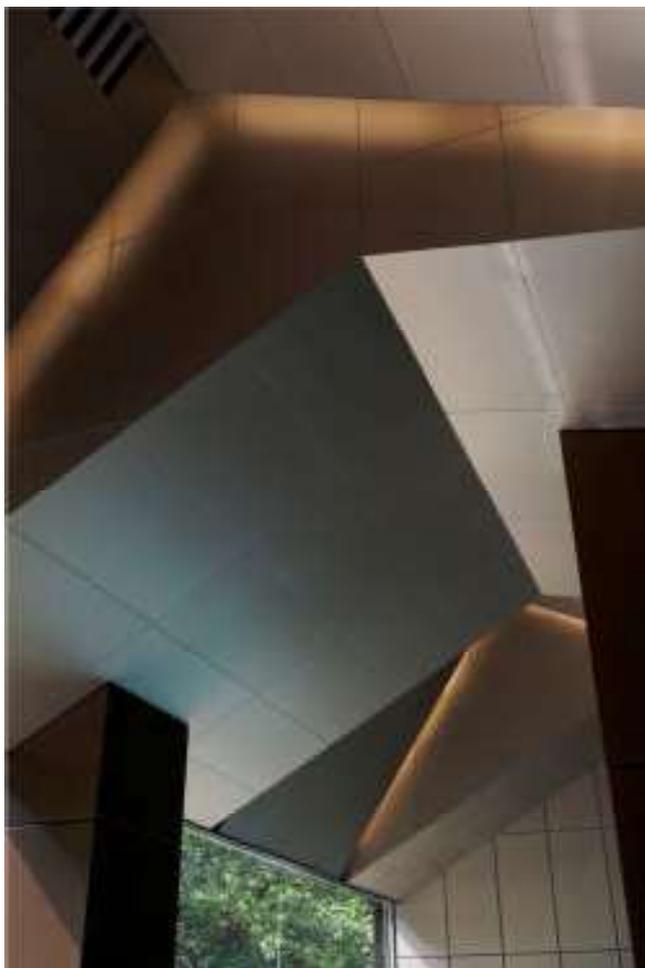


FIGURA 75 – TETO EM ALUMÍNIO, DESLOCANDO AS PARTES E CRIANDO ENTRADAS DE LUZ
FONTE: RYUICHI SASAKI

O design é uma tentativa de repensar conceitos de espaço e escala.
(SASAKI, 2011)

Durante a renovação das áreas para banhos, foram instalados vidros aquecidos, pois com o vapor quente que sai das fontes termais os vidros se embaçavam e dificultavam a visibilidade exterior. As janelas de 6 metros de largura em aço inoxidável emolduram o cenário natural para garantir uma vista magnífica aos visitantes (FIGURA 76).



FIGURA 76 – JANELA COM VIDROS AQUECIDOS
FONTE: RYUICHI SASAKI

No projeto foi criada uma visão sequencial entre um ambiente e outro através das janelas que enquadram a vista externa, os telhados deslocados criam uma unidade entre os ambientes, cada ambiente é uma unidade separada, mas também se pode olhar o conjunto todo e perceber diferenças; a unidade se faz pela vista externa, suas mudanças de estação fazem parte da compreensão do projeto.

Eu senti mais uma vez a grandiosidade, a gentileza, e também a severidade da natureza, que é envolvida com o passar do tempo e das estações. (SASAKI, 2011)

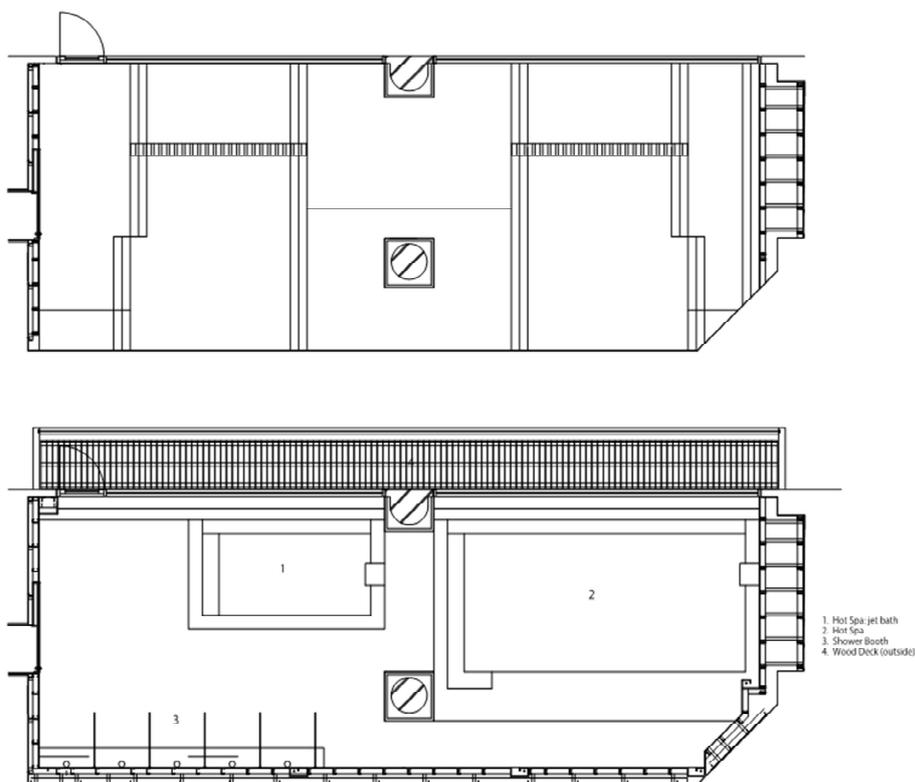


FIGURA 77 – PLANTA DO PROJETO. 1. BANHEIRA AQUECIDA DE HIDROMASSAGEM / 2. FONTE TERMAL / 3. DECK DE MADEIRA PARA BANHO (FIGURA 78).
FONTE: RYUICHI SASAKI



FIGURA 78 – DECK DE MADEIRA PARA BANHO
FONTE: RYUICHI SASAKI

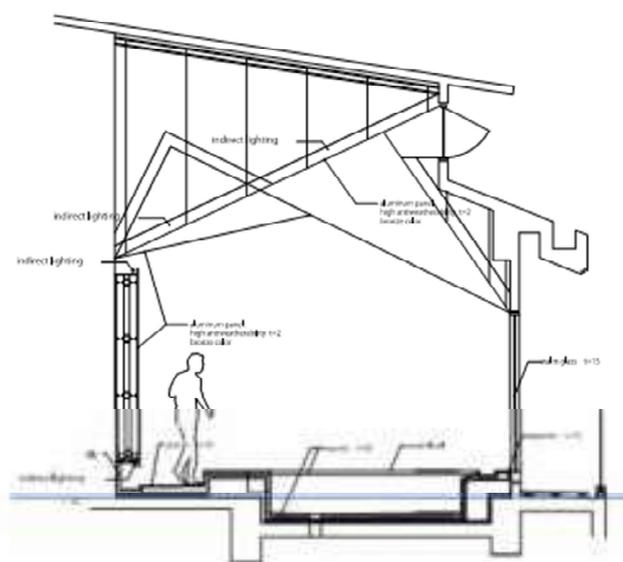


FIGURA 79 – CORTE ESQUEMÁTICO
FONTE: RYUICHI SASAKI

4. INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE

4.1. DIRETRIZES DE PROJETO

O projeto a ser desenvolvido será sobre uma aplicação de elementos marcantes da arquitetura oriental no ocidente, mais especificamente no local onde atualmente se encontra o Aguativa Resort, localizado nos arredores de Cornélio Procópio, cidade no norte do Paraná.

O desenvolvimento da pesquisa se fez em torno de estudos históricos e culturais a respeito do tratamento e benefícios sentidos quando o ser humano se relaciona com a água, principalmente de fontes termais.

Com intuito de aproximar as culturas, o programa do projeto aconteceria a fim de satisfazer as necessidades de um estabelecimento com características de *onsen*, porém aplicados no ocidente, sendo claro que não seria possível simplesmente projetar uma *onsen* como seria no Japão, mas adaptar os ideais para que a sensação de bem estar possível na terra do sol nascente possa ser trazida ao ocidente.

4.2. JUSTIFICATIVA DO TERRENO

Como no Brasil a atividade vulcânica é baixa, a escolha de um local para esse tipo de projeto se torna limitada, a maioria das fontes termais disponíveis para exploração já estão ocupadas com algum tipo de construção, mesmo que precária. Então, para desenvolver o projeto, o ambiente do resort escolhido tem um caráter provisório, com chalés e edificações precárias, estruturas sem projeto, que aparentemente foram locadas conforme surgiu a necessidade.

Esse projeto apresentaria uma forma de aproveitamento do espaço, propondo uma aplicação no local de edificações projetadas especificamente para o uso proposto, podendo ou não reaproveitar estruturas existentes.

A princípio, por ter influência da arquitetura oriental, as estruturas serão feitas principalmente em madeira, que colabora também para a visão rústica que normalmente é utilizada, e também podendo ser explorado o material disponível na região.

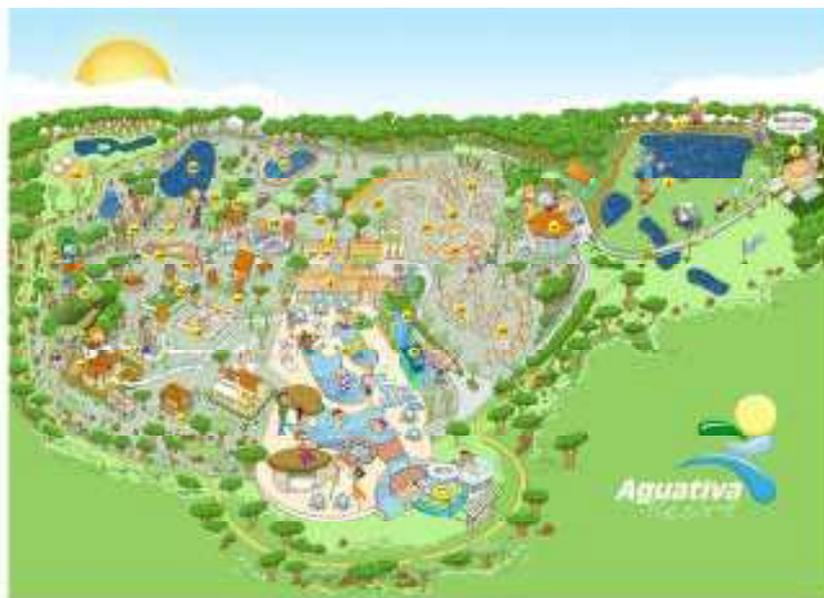


FIGURA 80 – MAPA INTERATIVO DO AGUATIVA RESORT
FONTE: AGUATIVA RESORT

O Aguativa Golf Resort fica a 378 km de distância de Curitiba, o que dá um pouco menos de 5 horas de viagem. Localizado na região norte do Paraná, em Cornélio Procopio, a 55 km de Londrina. Suas coordenadas são S – 23.16'6.7" / W – 50.43'53.5". Ocupa uma área de 1,5 km².

O acesso acontece pela BR 369 – Rodovia dos Cereais, liga Paraná a Minas Gerais e São Paulo – e pela PR 160 – Rodovia do Papel.

O projeto de uma *onsen* engloba acomodações para estadia, fontes termais, vestiários, áreas administrativas, mas a maioria possui dimensões limitadas, são grandes espaços para banho e espaços moderados para estadia, como a pousada tradicional é cuidada por uma *okami-san*, um grande hotel perderia a característica de aconchego pela proximidade.

Então o projeto Spa Termal teria acomodações para no máximo 20 visitantes, possuindo uma media de 10 quartos, direcionada para pessoas que precisa fugir do estresse diário vivido no atual ritmo de vida e para os que apreciam a cultura japonesa e seus ideais e costumes.

PÚBLICO:

(...) público que procura descanso e fortalecimento físico e mental em ambientes isolados, com paisagens ricas e características. (ANDRADE; BRITO; e JORGE. 2002. p. 29)

O público para Hotéis de Lazer ou *Resorts* normalmente se compõe de grupos: familiares, escolares, turismo, dentre outros.

O projeto do Spa Termal teria uma ênfase em grupos menores, casais, ou até 3 pessoas, que estivessem em busca de um retiro. Ou até mesmo pessoas dentro do mesmo grupo que prefiram relaxar em ambientes mais reservados.

O Spa teria uma tipologia: Pousada – menos de 100 apartamentos, o que permite um tratamento mais pessoal.

O Apartamento-tipo se organizaria em um corredor lateral, sendo para 2 a 3 pessoas. A tipologia com corredor lateral é muito usada nos *ryokan* tradicionais japoneses, pois permite a *engawa* – varanda – e a vista de introspecção do jardim.

No local escolhido já existe atualmente um jardim no estilo japonês.

Seria interessante usar dimensões de tatame para dimensionar os ambientes do projeto, principalmente os quartos e salas de convivência.

A preferência será por uma construção baixa, com no máximo 3 pavimentos, para manter a proximidade do edifício a escala humana, a filosofia japonesa de ter o indivíduo mais próximo da terra.

4.3. PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO

O local teria como programa de necessidades:

- Áreas Recreativas (piscina, ofurô, salas de massagem, fonte termal);
- Áreas de hospedagem (quartos e suítes);
- Áreas de Públicas e Sociais (lobby, salas de convivência, restaurante);
- Áreas de Serviço (lavanderia, vestiários, manutenção, depósitos);
- Áreas administrativas (recepção, gerência);
- Áreas de Alimentos e Bebidas (almojarifado, cozinha);
- Área de Equipamentos (central de água gelada, subestação, quadros de medição, grupo motor-gerador, casa de bombas de recalque, caldeiras)
- Estacionamento (15 vagas)

PRÉ-DIMENSIONAMENTO DE ÁREAS

AMBIENTE	QNTD	ÁREA	ÁREA TOTAL
QUARTO	20	20	400
SUÍTE	10	30	300
LOBBY	1	10	10
SALA DE CONVIVÊNCIA	3	14	42
RESTAURANTE	1	50	50
LAVANDERIA	1	50	50
VESTIÁRIO	4	16	64
MANUTENÇÃO	1	20	20
DEPÓSITO	2	16	32
RECEPÇÃO	1	10	10
GERÊNCIA	1	10	10
COZINHA	1	25	25
ALMOJARIFADO	2	14	28
EQUIPAMENTOS	1	25	25
ESTACIONAMENTO	15	15	225
FONTE TERMAL	1	25	25
PISCINA	2	25	50
SALA DE MASSAGEM	4	14	56
OFURÔ	1	14	14
		TOTAL	1436

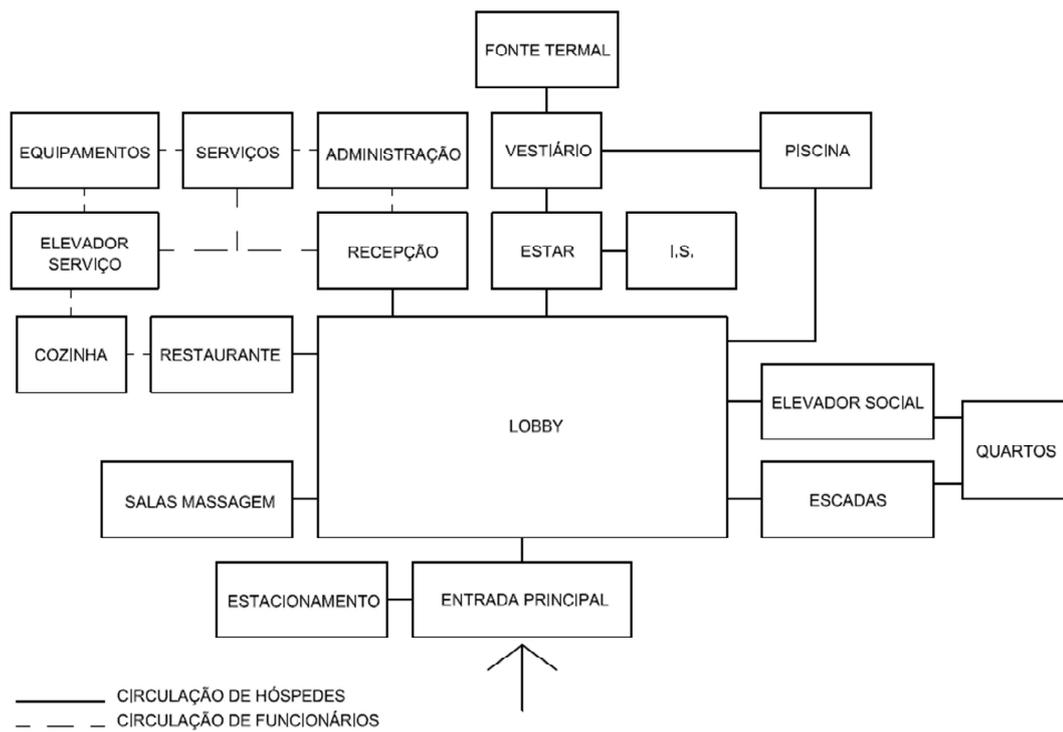


FIGURA 82 – FLUXOGRAMA DO SPA TERMAL
 FONTE: A AUTORA

5. CONCLUSÃO

Através desta pesquisa foi possível adquirir conhecimentos sobre a arquitetura e cultura oriental e sua contribuição a toda a arquitetura com o passar dos anos. O estudo desta cultura nos permite um comparativo entre a cultura oriental e ocidental, principalmente quanto a comportamentos relacionados à água e seus benefícios.

Quando compreendidos os principais pontos de importância, percebemos que as definições de spa, termas ou fontes termais e *onsen* são bem próximos. Todos possuem sua relação com a água e entendem o benefício que podemos adquirir através de suas propriedades. O desenvolvimento deles com o passar dos anos, porém, foi diferenciado conforme cada cultura.

Este trabalho serve como material de pesquisa para os próximos interessados no assunto de arquitetura oriental e espaços para banhos termais, contribuindo para a divulgação da arte e cultura milenar oriental, que infelizmente, como me foi um dia explicado dentro da Universidade, por falta de tempo hábil não é possível acrescentar esse estudo à grade de disciplinas teóricas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Nelson; BRITO, Paulo L; JORGE, Wilson E. **Hotel: Planejamento e Projeto**. São Paulo: Editora SENAC. 2002.

ANO, D. **Ginzan Onsen Fujiya**. Jun 2012, fotografia, color. Disponível em <<http://arkitekcher.tumblr.com/post/12463143261/ginzan-onsen-fujiya-hotel-kengo-kuma#>>. Acesso em 16/07/2013.

ANO, D. **Ginzan Onsen Fujiya**. Jun 2012, fotografia, color. Disponível em <<http://www.rezzxmodelista.com/posts/a-traditional-japanese-inn-made-modern>>. Acesso em 16/07/2013.

Archdaily. Yomogino Ryokan Hot Spa / Ryuichi Sasaki + Sasaki Architecture, 04 Jul 2013. Disponível em <<http://www.archdaily.com.br/br/01-40454/yomogino-ryokan-hot-spa-ryuichi-sasaki-sasaki-architecture>>. Acesso em 18/07/2013.

BENOIST, S. **Ginzan Onsen Fujiya – Japan**. Fotografia, color. Disponível em <<http://www.benoa.net/japan/ginzan/index.html>>. Acesso em 16/07/2013

BLACK, Alexandra; MURATA, Noboru. **The Japanese House**. Boston: Tuttle Publishing, 2000

BOYD, Robin. **Nuevos caminos de la Arquitectura Japonesa**. Barcelona: Editorial Blume, 1969.

Capim do Mato. Site Oficial da Pousada Capim do Mato. Disponível em <<http://www.capimdomato.com.br/>>. Acesso em 18/07/2013.

CARVER Jr., Norman F. **Form and Space of Japanese Architecture**. Tokyo: Shokokusha. 1955.

CHANG, Ching-Yu. **Japanese spatial conception**, The Japan Architect. Tokyo: Shinkenchiku-Sha. 1985

COHRSEEN, J. **Ginzan Onsen Fujiya**. Jul 2010, fotografia, color. Disponível em <<http://europaconcorsi.com/projects/137028-Ginzan-Onsen-Fujiya>>. Acesso em 16/07/2013.

COSTA, M. **PARALELISMOS: Termas de Vals, a obra prima de Peter Zumthor. Arquiteto da Felicidade**. Jun 2013. Disponível em <<http://arquitetodafelicidade.com.br/2013/06/26/paralelismos-termas-de-vals-a-obra-prima-de-peter-zumthor/>>. Acesso em 17/07/2013.

FRANKLIN, Michael. **Beyond metabolism: the new Japanese Architecture**. Nova York: Architectural Record Books. 1978.

FUIJOKA, Michio. **Japanese residences and gardens – a tradition of liitegration**. Tokyo: Kodansha International Ltda. 1982.

Ginzan Onsen Fujiya. Site Oficial do Ginzan Onsen Fujiya. Disponível em <<http://www.fujiya-ginzan.com/english/index.php>>. Acesso em 16/07/2013

GONTIJO, J. **Spa na Serra do cipó**. Jun 2013, fotografia, color. Disponível em <http://es.lugarcerto.com.br/app/401,62/2013/06/28/interna_noticias,47357/spa-na-serra-do-cipo-sintoniza-arquitetura-bem-estar-e-natureza.shtml>. Acesso em 18/07/2013.

ISOZAKI, Arata. **Ma: Japanese Time-Space**. Japan Architecture. Nova York: Cooper-Hewitt Museum. 1978.

ITOH, Teiji. **A Arquitetura do Japão**. São Paulo: Fundação Japão. 1983.

KARPOUZAS, H. **A casa moderna ocidental e o Japão: A influência da arquitetura tradicional japonesa na arquitetura das casas modernas ocidentais**. 152 f. Tese (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2003.

KAWAZOE, Noboru. **Arquitetura Japonesa**. Tokyo: International Society of Educational Information. 1993.

LIMA, Isabel Q. **A casa tradicional Japonesa**. Barcelos: Civilização. 1985.

ONSEN. In: HINATA, Noemia. **Dicionário Japonês-Português Romanizado**. Tóquio: Kashiwashobo, 1992. p. 335.

PEARSON. Clifford A. Ginzan Onsen Fujiya. **Architectura Record**, Nova York, v. 195, n. 9, p 122-127, set. 2007.

PEDRAGOSA, Francesc. **Patio y casa – interior/exterior em el espacio arquitetônico japonês**. Barcelona: Revista DPA. 2001.

RUCHAUD, G. Peter Zumthor: Materialidade, senrorialidade e contemplação. **Arquitetonico**. Ago 2012. Disponível em <<http://www.arquitetonico.ufsc.br/peter-zumthor>>. Acesso em 17/07/2013.

SPA. In: DICIONÁRIO universal: língua portuguesa. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=spa>>. Acesso em 16/07/2013

STALCHMIDT, C. **Centro de Relaxamento e Estética – SPA Urbano**. 62 f. Monografia (Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Setor Tecnológico, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2012.

TAMBURELLO, Adolfo. Japon. In: Bussagli, Mario. Arquitetura Oriental. In: Nervi, Pier Luigi, **Historia Universal de la Arquitectura**. Madrid: Aguilar S. A. de Ediciones, 1974.

TAMBURELLO, Adolfo. **Japan** – Monuments of civilization. Nova York: Maddison Square Press: 1973.

TERMAS. In: DICIONÁRIO universal: língua portuguesa. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=termas>>. Acesso em 16/07/2013

Therme de Vals. Site Oficial da Therme de Vals. Disponível em <<http://www.therme-vals.ch/>>. Acesso em 17/07/2013.

TUBERGEN, A; LINDEN, S. **A brief history of SPA Therapy**. Maastricht, 2002. Disponível em <<http://ard.bmj.com/content/61/3/273.full.pdf+html?sid=d27b55b3-6b86-4174-b47d-8814f5c1f719>>. Acesso em 20/07/2013.

VOLTAN, R. **Jornal Gazeta do povo**. Um mundo relaxante perto da correria de Curitiba. Jul, 2012. Disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/viverbem/saude-bem-estar/conteudo.phtml?i d=1273893&tit=Um-mundo-relaxante-perto-da-correria-de-Curitiba>>. Acesso em 18/07/2013.

YAGI, Kogi. **A Japanese Touch for your Home**. Tokyo: Kodansha International. 1982.

ZUMTHOR, Peter. **Peter Zumthor : therme Vals**. Zurich: Verlag Scheidegger & Spiess, 2007.

6.1. LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1 – CABANA NEOLÍTICA (fonte: HERITAGE OF JAPAN).5
Disponível em <<http://heritageofjapan.wordpress.com/just-what-was-so-amazing-about-jomon-japan/ways-of-the-jomon-world-2/jomon-architecture/>>
- FIGURA 2 – KOFUN (fonte: MINISTÉRIO DA TERRA, INFRAESTRUTURA, TRANSPORTE DE POLITICA BUREAL GIHSP – MLIT).....6
Disponível em <http://w3land.mlit.go.jp/cgi-bin/WebGIS2/WC_AirPhoto.cgi?IT=p&DT=n&PFN=CKK-85-2&PCN=C2&IDX=8>
- FIGURA 3 – MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO JAPÃO (fonte: NATIONALGEOGRAPHIC).7
Disponível em <<http://kids.nationalgeographic.com/staticfiles/NGS/Shared/StaticFiles/NGKids/Image/japan-kids-map-ga.gif>>
- FIGURA 4 – TEMPLO BUDISTA KIYOMIZU-DERA EM KYOTO (fonte: GOTO OSAMI).....8
Disponível em <<http://www.onmarkproductions.com/html/temples1.shtml>>
- FIGURA 5 – MAPA DA CIDADE DE NARA (fonte: BRIAN HOFFERT).....9
Disponível em <<http://bhoffert.faculty.noctrl.edu/TEACHING/Nara.Heian.html>>
- FIGURA 6 – ESTRUTURA DE TELHADO COM PILARES, SEM PAREDES (fonte: RYO HATA).....10
Disponível em <<http://arch-tour.blogspot.com.br/2009/03/building-construction.html>>

FIGURA 7 – TEMPLO NO ESTILO TENJIKU-YO (fonte: U-M PERSONAL WWW SERVER).11

Disponível em <http://www-personal.umich.edu/~kwelch/pics/Japan/nara/Nara_Todaiji_Temple.JPG>

FIGURA 8 – TEMPLO NO ESTILO KARA-YO (fonte: HAUNTY HUBPAGES).....12

Disponível em <<http://haunty.hubpages.com/hub/Zen-Style-Medieval-Japanese-Architecture>>

FIGURA 9 – GRAVURA REPRESENTANDO UMA CERIMÔNIA DO CHÁ (fonte: CHIKANOBU).13

Disponível em
<http://castlefinearts.com/search_results_detail.php?searchByArtist=64&searchArchives=&pageno=10&pn=&rpp=30>

FIGURA 10 – JARDIM NO ESTILO KOSANSUI (fonte: PANORAMIO).....13

Disponível em <<http://www.panoramio.com/photo/26231359>>

FIGURA 11 – CASTELO MATSUMO (fonte: HIROKI SUZUKI).....14

Disponível em <<http://www.lamijapan.com/2011/01/matsumoto-castle.html>>

FIGURA 12 – FOTOGRAFIA DE UMA LUTA DE SUMÔ (fonte: YESICANUSECHOPSTICKS).....14

Disponível em
<<http://www.yesicanusechopsticks.com/thesequel/sumo/>>

FIGURA 13 – IMAGEM PANORAMICA DA CIDADE DE EDO (fonte: KOMAZAWA-U).16

Disponível em <<http://www.komazawa-u.ac.jp/~kazov/Kan/castles/edo/ML0001/bird.html>>

FIGURA 14 – DIAGRAMA COM INDICAÇÕES DE ELEMENTOS COMO SHOIN, FUSUMA, SHOJI E TATAMI (fonte: SCHAFFER).....17

Disponível em <<http://www.schafter.net/debra/LEC10.htm>>

FIGURA 15 – PALÁCIO DE CRISTAL (fonte: TALLIS' HISTORY AND CRITICISM OF THE CRYSTAL PALACE).....18

Disponível em <<http://www.uh.edu/engines/epi1158.htm>>

FIGURA 16 – ROKUMEIKAN (fonte: STAINED).....18

Disponível em <<http://www.stained.co.jp/history2.html>>

FIGURA 17 – CASA DE CHÁ TRADICIONAL (fonte: THISFACADE).....20

Disponível em <<http://thisfacade.com/architecture/japanese-tea-houses.html>>

FIGURA 18 – DIAGRAMA DA DISTRIBUIÇÃO DO FENG SHUI EM UMA CASA (fonte: GEOMANCY).21

Disponível em <<http://www.geomancy.net/resources/theories/fs-house1.htm>>

FIGURA 19 – JARDIM JAPONÊS (fonte: DEVIANTART).22

Disponível em <<http://jules2626.deviantart.com/art/Japanese-Garden-201832339>>

FIGURA 20 – TEMPLO SIMÉTRICO (fonte: HOUSE OF JAPAN).24

Disponível em <<http://www.houseofjapan.com/architecture/heian-period-architecture>>

FIGURA 21 – RESIDENCIA TRADICIONAL JAPONESA ASSIMETRICA (fonte: LATEST HOUSE DESIGN).24

Disponível em <<http://latesthousedesign.com/old-traditional-japanese-houses.html>>

FIGURA 22 – KIMONO (fonte: SUZUKI ANO).25

Disponível em <<http://rakoonia.wordpress.com/2010/08/08/juuni-hitoe-refinement-in-twelve-layers/>>

FIGURA 23 – FLORES DE CEREJEIRA (fonte: BEST WALLPAPER).....26

Disponível em <http://pt.best-wallpaper.net/Cherry-blossom-petals-pink-spring_1920x1080.html>

FIGURA 24 – MUDANÇA DE ESTAÇÕES (fonte: REVISTA CASA E JARDIM).....26

Disponível em
<<http://colunas.revistacasaejardim.globo.com/cheirodemato/2012/11/30/reflexos-das-estacoes/>>

FIGURA 25 – IDEOGRAMA DE ESPAÇO – KUKAN (fonte: JAPANESE SYMBOLS).....28

Disponível em <<http://www.japanese-symbols.org/japanese-word-for-space>>

FIGURA 26 – IDEOGRAMA DE VAZIO – KARAPPO (fonte: JAPANESE SYMBOLS).....28

Disponível em <<http://www.japanese-symbols.org/japanese-word-for-empty>>

FIGURA 27 – IDEOGRAMA DE INTERVALO ENTRE ESPAÇOS – KAN OU MA (fonte: SHIATSUINRETE).28

Disponível em

<[http://shiatsuinrete.it/pagine/continuita e discontinuita.htm](http://shiatsuinrete.it/pagine/continuita_e_discontinuita.htm)>

FIGURA 28 – IMAGEM DAS QUATRO CRIATURAS MÍSTICAS DO KASOO – FENG SHUI (fonte: FANFICTION).....30

Disponível em

<http://fanfiction.com.br/historia/298415/Sacred_Fuor>

FIGURA 29 – MAPA DA CIDADE DE KYOTO (fonte: ANCIENT WORLDS)....31

Disponível em <<http://www.ancientworlds.net/aw/Post/312301>>

FIGURA 30 – DIAGRAMA COM IMPLANTAÇÃO DE KYOTO CONFORME O FENG SHUI (fonte: ANCIENT WORLDS).....32

Disponível em <<http://www.ancientworlds.net/aw/Post/312301>>

FIGURA 31 – ENGAWA (fonte: JAPANESE GARDENING).....32

Disponível em <<http://www.japanesegardening.org/reference/Ka-tei.html>>

FIGURA 32 – COLUNAS (fonte: FURIHATA).....33

Disponível em

<<http://furihata.org/column/2013/06/20/1371705612073.html>>

FIGURA 33 – AQUEDUTO (fonte: CASA VOGUE).....34

Disponível em

<<http://casavogue.globo.com/Arquitetura/noticia/2012/09/aquedutos-romanos.html>>

FIGURA 34 – ILUSTRAÇÃO DIDÁTICA DE UMA TERMAS PÚBLICA NA ROMA ANTIGA (fonte: THE ARCHEOLOGY).....35

Disponível em <<http://thearcheology.wordpress.com/tag/banhos-romanos/>>

FIGURA 35 – ONSEN (fonte: ADINA).....41

Disponível em
<<http://schenkenblogger.blogspot.com.br/2012/03/onsen-and-ofuro-hot-springs-and-baths.html>>

FIGURA 36 – MAPA ATIVIDADE VULCÂNICA NO JAPÃO (fonte: JAPAN METHEOROLOGICAL AGENCY).....42

Disponível em
<<http://www.jma.go.jp/jma/en/Activities/earthquake.html>>

FIGURA 37 – MAPA COM PRINCIPAIS ONSEN NO JAPÃO (fonte: TOKYOEZINE).....42

Disponível em <<http://www.tokyoezine.com/2013/04/09/onsen-heart-of-japanese-dreams/>>

FIGURA 38 – WA-SHITSU (fonte: ORBITZ).....44

Disponível em
<http://www.orbitz.com/hotel/Japan/Hakone/Yunohana_Onsen_Ryokan.h328559/>

FIGURA 39 – ENTRADA DO VESTIÁRIO DA ONSEN (fonte: RAQUEL RIVERA).....44

Disponível em
<<http://www.flickr.com/photos/playingmantis/3007508222/sizes/origin/photostream/>>

FIGURA 40 – FACHADA GINZAN ONSEN FUJIYA (fonte: BENOIST SÉBIRE).....47

Disponível em <<http://www.benoa.net/japan/ginzan/index.html>>

FIGURA 41 – CASA DE CHÁ IINFLAVEL DE KENGO KUMA (fonte: E-ARCHITECT).....47

Disponível em <<http://www.e-architect.co.uk/images/jpgs/japan/>>

FIGURA 42 – MAPA DO JAPÃO (fonte: GOOGLE MAPS).....48

Disponível em <<https://maps.google.com.br/>>

FIGURA 43 – MAPA DE YAMAGATA (fonte: GOOGLE MAPS).....48

Disponível em <<https://maps.google.com.br/>>

FIGURA 44 – FACHADA GINZAN ONSEN FUJIYA (fonte: DAICI ANO).....49

Disponível em <<http://www.remodelista.com/posts/a-traditional-japanese-inn-made-modern>>

FIGURA 45 – FACHADA REMODELADA (fonte: DAICI ANO).....50

Disponível em <<http://www.remodelista.com/posts/a-traditional-japanese-inn-made-modern>>

FIGURA 46 – LOBBY DE ENTRADA (fonte: DAICI ANO).....50

Disponível em <<http://www.remodelista.com/posts/a-traditional-japanese-inn-made-modern>>

FIGURA 47 – ESCADA (fonte: DAICI ANO).....51

Disponível em <<http://www.remodelista.com/posts/a-traditional-japanese-inn-made-modern>>

- FIGURA 48 – INTERIOR DO QUARTO (fonte: DAICI ANO).....52
Disponível em <<http://www.remodelista.com/posts/a-traditional-japanese-inn-made-modern>>
- FIGURA 49 – INTERIOR DO QUARTO (fonte: BENOIST SÉBIRE).....53
Disponível em <<http://www.benoa.net/japan/ginzan/index.html>>
- FIGURA 50 – INTERIOR DO QUARTO (fonte: DAICI ANO).....53
Disponível em <<http://www.remodelista.com/posts/a-traditional-japanese-inn-made-modern>>
- FIGURA 51 – MOBILIÁRIO MINIMALISTA (fonte: DAICI ANO).....54
Disponível em <<http://www.remodelista.com/posts/a-traditional-japanese-inn-made-modern>>
- FIGURA 52 – INTERIOR DE BANHO PRIVADO (fonte: DAICI ANO).....54
Disponível em <<http://www.remodelista.com/posts/a-traditional-japanese-inn-made-modern>>
- FIGURA 53 – BANHEIRA COM TEMÁTICA DE BAMBU (fonte: BENOIST SÉBIRE)..... 55
Disponível em <<http://www.benoa.net/japan/ginzan/index.html>>
- FIGURA 54 – INTERIOR DE BANHO PRIVADO (fonte: DAICI ANO).....56
Disponível em <<http://www.remodelista.com/posts/a-traditional-japanese-inn-made-modern>>

FIGURA 55 – PLANTAS E CORTE ESQUEMÁTICO DO PROJETO GINZAN
ONSEN FUJIYA (fonte: ARCHITECTURAL RECORD).....57

Disponível em

<http://archrecord.construction.com/projects/interiors/archives/07-Fujiya/slide_8.asp>

FIGURA 56 – MAPA DA EUROPA LOCANDO AS TERMAS DE VALS (fonte:
GOOGLE MAPS).....58

Disponível em <<https://maps.google.com.br/>>

FIGURA 57 – TERMAS PARA BANHO PÚBLICO (fonte: ARCHDAILY).....59

Disponível em <<http://www.archdaily.com.br/br/01-15500/classicos-da-arquitetura-termas-de-vals-peter-zumthor>>

FIGURA 58 – DIAGRAMA DO PROCESSO PROJETUAL DE PETER
ZUMTHOR NA DISPOSIÇÃO DO SPA (fonte:
ARQUITETONICO).....60

Disponível em <<http://www.arquitetonico.ufsc.br/peter-zumthor>>

FIGURA 59 – INTERIOR DO SPA (fonte: ARCHDAILY).....61

Disponível em <<http://www.archdaily.com.br/br/01-15500/classicos-da-arquitetura-termas-de-vals-peter-zumthor>>

FIGURA 60 – DIAGRAMA DA PLANTA DE ACESSO DO SPA (fonte:
ARQUITETONICO).....62

Disponível em <<http://www.arquitetonico.ufsc.br/peter-zumthor>>

FIGURA 61 – DIAGRAMA DA PLANTA DO PAVIMENTO SUPERIOR DO SPA
(fonte: ARQUITETONICO).....62

Disponível em <<http://www.arquitetonico.ufsc.br/peter-zumthor>>

FIGURA 62 – DIAGRAMA DA PLANTA DO PAVIMENTO TÉCNICO DO SPA
(fonte: ARQUITETONICO).....63

Disponível em <<http://www.arquitetonico.ufsc.br/peter-zumthor>>

FIGURA 63 – EXCERTO DA PARTITURA DE JOHN CAGE (fonte:
ARQUITETONICO).....64

Disponível em <<http://www.arquitetonico.ufsc.br/peter-zumthor>>

FIGURA 64 – LOCALIZAÇÃO DA POUSADA EM MINAS GERAIS (fonte:
GOOGLE MAPS).....65

Disponível em <<https://maps.google.com.br/>>

FIGURA 65 – VISTA DA POUSADA (fonte: JOANA GONTIJO).....65

Disponível em

<http://es.lugarcerto.com.br/app/401,62/2013/06/28/interna_noticias,47357/spa-na-serra-do-cipo-sintoniza-arquitetura-bem-estar-e-natureza.shtml>

FIGURA 66 – COBERTURA FEITA COM GRAVETOS (fonte: JOANA
GONTIJO).....67

Disponível em

<http://es.lugarcerto.com.br/app/401,62/2013/06/28/interna_noticias,47357/spa-na-serra-do-cipo-sintoniza-arquitetura-bem-estar-e-natureza.shtml>

FIGURA 67 – ESPAÇO PARA BANHO COM A JANELA BAIXA (fonte: JOANA
GONTIJO).....68

Disponível em

<http://es.lugarcerto.com.br/app/401,62/2013/06/28/interna_noticias,47357/spa-na-serra-do-cipo-sintoniza-arquitetura-bem-estar-e-natureza.shtml>

FIGURA 68 – SALA DE ESPERA (fonte: JOANA GONTIJO).....68

Disponível em

http://es.lugarcerto.com.br/app/401,62/2013/06/28/interna_noticias,47357/spa-na-serra-do-cipo-sintoniza-arquitetura-bem-estar-e-natureza.shtml

FIGURA 69 – PISCINA COM BORDA INFINITA (fonte: JOANA GONTIJO)....69

Disponível em

http://es.lugarcerto.com.br/app/401,62/2013/06/28/interna_noticias,47357/spa-na-serra-do-cipo-sintoniza-arquitetura-bem-estar-e-natureza.shtml

FIGURA 70 – OFURÔ (fonte: JOANA GONTIJO).....69

Disponível em

http://es.lugarcerto.com.br/app/401,62/2013/06/28/interna_noticias,47357/spa-na-serra-do-cipo-sintoniza-arquitetura-bem-estar-e-natureza.shtml

FIGURA 71 – MOBILIÁRIO E DECORAÇÃO COM CARACTERÍSTICAS LOCAIS (fonte: JOANA GONTIJO).....70

Disponível em

http://es.lugarcerto.com.br/app/401,62/2013/06/28/interna_noticias,47357/spa-na-serra-do-cipo-sintoniza-arquitetura-bem-estar-e-natureza.shtml

FIGURA 72 – IMPLANTAÇÃO DAS ESTRUTURAS DA POUSADA (fonte: CAPIM DO MATO).....71

Disponível em

http://es.lugarcerto.com.br/app/401,62/2013/06/28/interna_noticias,47357/spa-na-serra-do-cipo-sintoniza-arquitetura-bem-estar-e-natureza.shtml

FIGURA 73 – MAPA DE FUKUSHIMA (fonte: GOOGLE MAPS).....72

Disponível em <<https://maps.google.com.br/>>

FIGURA 74 – ABERTURA DE VIDRO (fonte: RYUICHI SASAKI).....73

Disponível em <<http://www.archdaily.com.br/br/01-40454/yomogino-ryokan-hot-spa-ryuichi-sasaki-sasaki-architecture>>

FIGURA 75 – TETO EM ALUMÍNIO (fonte: RYUICHI SASAKI).....74

Disponível em <<http://www.archdaily.com.br/br/01-40454/yomogino-ryokan-hot-spa-ryuichi-sasaki-sasaki-architecture>>

FIGURA 76 – JANELA COM VIDROS AQUECIDOS (fonte: RYUICHI SASAKI).....75

Disponível em <<http://www.archdaily.com.br/br/01-40454/yomogino-ryokan-hot-spa-ryuichi-sasaki-sasaki-architecture>>

FIGURA 77 – PLANTA DO PROJETO (fonte: RYUICHI SASAKI).....76

Disponível em <<http://www.archdaily.com.br/br/01-40454/yomogino-ryokan-hot-spa-ryuichi-sasaki-sasaki-architecture>>

FIGURA 78 – DECK DE MADEIRA PARA BANHO (fonte: RYUICHI SASAKI).....77

Disponível em <<http://www.archdaily.com.br/br/01-40454/yomogino-ryokan-hot-spa-ryuichi-sasaki-sasaki-architecture>>

FIGURA 79 – CORTE ESQUEMÁTICO (fonte: RYUICHI SASAKI).....77

Disponível em <<http://www.archdaily.com.br/br/01-40454/yomogino-ryokan-hot-spa-ryuichi-sasaki-sasaki-architecture>>

FIGURA 80 – MAPA INTERATIVO DO AGUATIVA RESORT (fonte: AGUATIVA RESORT).....79

Disponível em
<<http://www.aguativa.com.br/institucional/Default.aspx>>

FIGURA 81 - MAPA INTERESTADUAL DO AGUATIVA RESORT (fonte: AGUATIVA RESORT).....80

Disponível em
<<http://www.aguativa.com.br/institucional/Default.aspx>>

FIGURA 82 – FLUXOGRAMA DO SPA TERMAL (fonte: A AUTORA).....83